

Fernanda Lopes Sangirardi

VIVÊNCIA DA RELIGIOSIDADE: COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA
DE UMA MÉDIUM DE UMBANDA

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Fernanda Lopes Sangirardi

VIVÊNCIA DA RELIGIOSIDADE: COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA
DE UMA MÉDIUM DE UMBANDA

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob a orientação da Prof^a Maria Elisabeth Montagna.

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Hino da Umbanda

Refletiu a luz divina
com todo seu esplendor
é do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio, de Aruanda
Para todos iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
e a grandeza nos conduz.
Avante filhos de fé,
Como a nossa lei não há,
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá !
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá !

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram do meu lado, e sempre me apoiaram, me incentivaram e me respeitaram, mesmo quando as minhas escolhas não eram as mesmas que as deles.

Agradeço ao meu irmão, que mesmo sem perceber ou se dar conta de forma consciente, foi muito importante na minha vida e no meu desenvolvimento pessoal.

Agradeço à minha irmã, a pessoa que mais faz parte da minha vida, que me ensinou grande parte das coisas que eu sei hoje, inclusive me apresentou o mundo da espiritualidade. Sem ela, a realização deste trabalho não seria possível.

Agradeço ao meu namorado por ser também meu amigo, meu companheiro, além de sempre me desafiar a ser uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus colegas de faculdade, que se tornaram verdadeiros amigos, por compartilharem comigo alegrias, angústias e conquistas. Certamente os levarei comigo para sempre.

Agradeço à minha colaboradora por ter sido tão disposta a abrir as portas de parte importante da sua existência, fazendo com que este trabalho ficasse à altura de sua experiência.

Agradeço à minha orientadora, Beth Montagna, que é certamente uma das pessoas mais gentis e ternas que eu já conheci, e que provavelmente nem imagina o quanto me ajudou neste trabalho.

Sangirardi, F. L. **Vivência da religiosidade: compreensão da experiência de uma médium de umbanda.** Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010.

RESUMO

A questão da religiosidade pode nortear o comportamento das pessoas. A religiosidade está presente em muitas pessoas adultas mas, como elas se tornaram religiosas pode esclarecer sobre o desenvolvimento religioso e pessoal. Para tal, a presente pesquisa buscou entender e compreender como a experiência religiosa mediúnica influi na vida da pessoa que a experiencia e como ela compreende este fenômeno.

Para atingir esse objetivo, foi realizada uma entrevista com uma médium praticante de um centro de Umbanda. Esta pesquisa foi qualitativa de base fenomenológica a qual procurou investigar as vivências da religiosidade da médium. Na análise dos dados da entrevista foi feita a diferenciação de categorias e o diálogo com autores que estudaram o tema da religiosidade. Este estudo permitiu apontar aspectos sobre o desenvolvimento da religiosidade e o crescimento pessoal de uma pessoa médium.

Palavras-chave: Psicologia, fenomenologia, religiosidade.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I. Umbanda: uma religião brasileira	13
1.1. Sobre as religiões afro-brasileiras	13
1.2. Sobre a Umbanda	15
1.3. Sobre os Orixás, Pretos-Velhos e Caboclos	17
1.4. Sobre a mediunidade	19
Capítulo II. Religiosidade, espiritualidade e religião	21
Capítulo III. Método	30
3.1. Colaboradores.....	30
3.2. Instrumentos e local	30
3.3. Procedimento	31
Capítulo IV. Análise e interpretação de dados	32
4.1. Compreensão da mediunidade	32
4.2. Influência da família.....	32
4.3. Conflitos e crises pessoais	33
4.4. Manifestações e sinais indicadores do Sagrado na vida cotidiana.....	34
4.5. Sensação de pertencimento.....	34
4.5.1. Dependência religiosa	35
4.6. A vida pessoal	36
4.7. O trabalho como médium	36

4.7.1. Rituais	36
4.7.2. Desenvolvimento	37
4.7.3. Limitações e obrigações	37
4.7.4. Compensações.....	38
Capítulo V. Discussão dos resultados	40
Capítulo VI. Conclusão	45
Referências bibliográficas.....	46
Anexos	49

INTRODUÇÃO

“E a experiência religiosa no cotidiano é sempre paradoxal, assim como a experiência mística, porque é uma tentativa de falar do inefável, daquilo que não pode ser dito e que não tem palavras. Então a peleja humana é essa: é dizer, tentar dizer uma coisa que não pode ser dita por causa mesmo de sua natureza.” (PRADO, 1999, p. 19)

A questão da religiosidade pode ser intrigante muito pelo fato de ela parecer nortear o comportamento de tantas pessoas, independente da religião escolhida para ser seguida. Inclusive, muitos indivíduos seguem uma religiosidade que não é “regulamentada” por nenhuma religião instituída, sendo mais um posicionamento do sujeito frente a uma percepção de que há algo maior do que ele.

Assim como explicita Benkö (1981) no livro *Psicologia da religião*, o objetivo do presente trabalho de pesquisa não é usar Deus como objeto de estudo científico, mas sim a vivência religiosa enquanto experiência humana. Essa experiência religiosa pode acontecer através de um encontro do sujeito com outra dimensão do mundo, levando-o a um entendimento mais extremo das coisas, que “é, em geral, referido a um pólo transcendente do sentido, denominado Deus” (BAUNGART; AMATUZZI, 2007, p. 100). A espiritualidade muitas vezes leva as pessoas a uma sensibilização para enxergarem outro lado das coisas, o que pode estar presente, mas que não é visto pelo olhar desatento (TEIXEIRA, 2005, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007, p. 108).

A religiosidade parece bastante natural na maioria das vezes, quando vivenciada por adultos, mas pode-se questionar como um indivíduo se torna religioso. De acordo com AmatuZZi (2000, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007) o desenvolvimento religioso acompanha o desenvolvimento pessoal. Quando o indivíduo é criança, até aproximadamente os 6 anos de idade, a religiosidade está relacionada ao âmbito familiar, muitas vezes sendo apropriada por símbolos. Já na adolescência, junto com muitos outros questionamentos, como o da própria identidade, a pessoa passa a querer se posicionar com mais propriedade frente à questão religiosa, buscando uma religiosidade baseada em uma verdade pessoal. Já na idade adulta a tarefa principal vivenciada é a de gerar os filhos e transmitir para eles sua religiosidade. Quando a pessoa se torna idosa, tem como desafio se

desapegar das coisas e se libertar, o que naturalmente leva a uma maior serenidade e sabedoria. De acordo com um sujeito que fez parte da pesquisa realizada por Amatuzzi e Baugart, o idoso nessas condições passa a experimentar a religião com humildade diante do desconhecido.

Nesse trabalho de pesquisa que estudou a relação entre a experiência religiosa e o crescimento pessoal, os sujeitos pareceram experienciar mudanças subjetivas através da religiosidade que foram relatadas como melhoras em suas qualidades de vida. A religiosidade, para eles, foi importante para ocorrer uma mudança de percepção no mundo que os circunda, como família e ambiente de trabalho; melhora na capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa; autoconhecimento como resultado de reflexões sobre existência; e busca pelo transcendente.

Fowler (1992, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007) acredita que a fé se torna uma orientação para a vida do indivíduo, oferecendo-lhe metas e esperanças para as batalhas, atitudes, como ser e agir. Safra (2007, *apud* Junior, 2008) diferencia fé de crenças, indicando que

“Crença é o conjunto de dogmas e conceitos representacionais advindos do trabalho mental, portanto, de caráter cognitivo, enquanto fé é a atitude humana frente à existência, em que há um movimento de arriscar-se em um gesto de entrega frente ao novo.” (s/p)

Assim, para ele, as crenças dizem respeito a um nível mental, enquanto a fé diz respeito a um nível existencial. Muitas vezes acontece de uma pessoa ser apegada às suas crenças mas não ter fé, ou ter fé na existência mas não crer. Ainda assim vale ressaltar que a crença pode decorrer da fé, sendo esta relacionada a um saber e aquela relacionada ao conhecer. A diferença fundamental entre saber e conhecer é apresentada pelo mesmo autor, que julga que o saber é uma condição ontológica do ser humano, algo inerente ao homem, o que ele intui que necessita sem nunca ter vivido. Já o conhecer advém das experiências vividas, se relaciona aos aspectos ônticos. Dessa maneira, o saber se relaciona com a esperança e o conhecer com a confiança. Safra (2004^a, *apud* JUNIOR, 2008) diferencia ôntico de ontológico. De acordo com ele

“O nível ontológico refere-se a condições prévias que delineiam as possibilidades de cada existência humana, em seus fundamentos da possibilidade do acontecer humano, em seu caráter universal. Do ponto de vista ontológico, o indivíduo está aberto à precariedade, ou seja, à instabilidade do mundo e às questões que atravessam toda a existência humana. Já o nível ôntico refere-se à maneira como empiricamente essa condição ontológica acontece na biografia do indivíduo, ou seja, de que maneira os aspectos ontológicos são singularizados, adquirindo uma configuração individual. O nível ôntico abarca o campo da vida humana, articulado por meio do tempo e do espaço, que são passíveis de representação e de articulação por meio de símbolos e da linguagem compartilhada” (SAFRA, 2004a, *apud* JUNIOR, 2008, s/p).

O mesmo autor diferencia religião instituída de religiosidade ou espiritualidade. A religião seria o conjunto de crenças e dogmas utilizados pelo indivíduo como um modelo de conduta na vida. Por outro lado, a religiosidade diz respeito à vivência do indivíduo frente àquilo que é maior e superior a ele, o Absoluto, podendo ou não ocorrer dentro de uma determinada religião, já que, como pensa Amatuzzi (1999), às vezes a religião de uma pessoa não corresponde ao sentido espiritual que ela carrega. A religião poderia ser considerada parte de um movimento cultural e social, enquanto a espiritualidade estaria relacionada à condição ontológica do ser humano.

Esta condição inerente ao ser humano é ressaltada por Safra (2003, *apud* JUNIOR, 2008), que em sua experiência na clínica pôde constatar que existe uma religiosidade nas pessoas, mesmo quando elas não crêem em Deus. Essa religiosidade passa pela busca do sujeito por um sentido da existência. Isso mostra que a fé independe de religiões instituídas, mas é intrínseca à subjetividade humana. Hay (1994, *apud* AMATUZZI, 1998) considera a consciência religiosa natural da espécie humana, sendo que ele acredita que a religiosidade tem valor de subsistência para o sujeito. Ainda segundo Hay, a experiência religiosa leva o sujeito a um conhecimento direto que há uma presença sagrada ou divina, o que segundo Amatuzzi (1998) nos diz de um caráter experiencial, já que é uma experiência direta e anterior a processos racionais.

Sobre a experiência mediúnica

Ao buscar no dicionário Michaelis¹ sobre o termo “médium” tem-se como definição: “Pessoa capaz de estabelecer relações entre o mundo visível e o mundo invisível; pessoa que, segundo os espíritas, pode servir de intermediário entre os vivos e os espíritos dos mortos” (p.1342). Na Umbanda – religião que sincretiza elementos de religiões como o catolicismo, o espiritismo e outras religiões afro-brasileiras – o médium é o intermédio entre o mundo físico e o mundo espiritual. Novaes (2002) explica que o médium possui uma faculdade que facilita ao sujeito um contato com outros indivíduos que estão em uma dimensão que ultrapassa a tridimensionalidade humana típica e Klimo (1998, *apud* ALMEIDA; NETO, 2004) aponta como outra definição possível a mediunidade como uma comunicação proveniente de uma fonte que parece existir em outro nível de realidade, não sendo a realidade física que conhecemos.

Zangari (2007) menciona uma pesquisa que fez em seu doutorado (ZANGARI, 2003) sobre experiências narradas por médiuns de Umbanda. As principais experiências relatadas nas entrevistas foram:

‘Experiências fora-do-corpo (nas quais o sujeito localiza sua consciência em local geográfico distinto de seu corpo), ‘experiências de paralisia do sono’ (nas quais o sujeito alega encontrar-se desperto, mas não conseguir movimentar-se), ‘experiências oníricas de conteúdo precognitivo’ (nas quais uma informação alegadamente do futuro chega à consciência do sujeito por meio de um sonho), ‘experiências telepáticas’ (nas quais pensamentos, sensações ou sentimentos de uma pessoa localizada à distância são vivenciados subitamente pelo sujeito) e ‘experiências de visão de mortos’ (nas quais o sujeito alega ter uma experiência sensorial com pessoas falecidas) (p. 68).

A partir dessa pesquisa, Zangari reconhece fatores tanto de revelação pessoal como de confirmação de crença. O primeiro fator diz respeito à validade e relevância prática de algum elemento revelado durante a experiência religiosa espiritual.

Quando estas “informações” se mostram pertinentes, os sujeitos assumem que há no mundo espiritual seres com os quais os sujeitos podem se relacionar de

¹ Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998

alguma forma. Assim, o fator “revelação pessoal” leva ao fator “confirmação de crenças” tanto individuais quanto grupais.

Segundo Cardeña, Lynn & Krippner (2000, *apud* ZANGARI, 2007) experiências mediúnicas são cientificamente denominadas de “anômalas”, no sentido de que são incomuns, não sendo vivenciadas pela maioria da população e porque não têm explicações que são “geralmente aceitas para a compreensão da realidade” (p. 68-69). Quanto a isso é importante ressaltar aqui que este presente estudo não tem como intenção a de explicar a origem do fenômeno mediúnico, mas unicamente de estudar a vivência do indivíduo a partir de sua experiência subjetiva e seu ponto de vista. Como aponta Irwin (1994, *apud* ZANGARI, 2007) a preocupação da perspectiva fenomenológica é de reconhecer como os sujeitos compreendem e significam as experiências, e que funções elas têm em sua vida.

Sobre a abordagem fenomenológica

Amatuzzi (1998) apresenta uma pesquisa sobre a experiência religiosa, em que usa como método entrevistas semi-estruturadas não diretivas usando de alguns temas principais como: maior experiência de Deus; outros momentos marcantes de sua experiência de Deus; como é sua experiência atual de Deus; como você se prepara para os momentos de oração ou meditação; e qual a sua experiência na prática religiosa. Para fazer a análise do caso, Amatuzzi transcreve as partes mais relevantes, as mais ilustrativas e as que se repetem no discurso da participante. Em seguida, o autor busca uma “visão do todo da entrevista”, fazendo uma síntese da mesma.

Usando desses métodos, o pesquisador pode destacar os principais elementos da experiência, contextualizando as experiências compartilhadas pela entrevistada dentro do período de vida em que estava na época em que ocorreram, assim ele analisa a fala da participante do ponto de vista da etapa de sua vida na época do fenômeno. Para a discussão e conclusão, Amatuzzi faz uma aproximação do relato da entrevistada e dos autores citados na sua revisão literária, confirmando ou não alguns elementos levantados na pesquisa teórica.

A abordagem fenomenológica procura se aproximar das experiências do sujeito, da sua subjetividade (CROATTO, 1992, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007, p. 97) e por isso ela foi naturalmente escolhida para este estudo sobre experiência religiosa. Segundo Richardson (1999, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007, p. 98) “As pesquisas qualitativas de campo exploram, particularmente, as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema”.

Desta forma, foi utilizado o método qualitativo fenomenológico para realizar um estudo de caso da experiência mediúnica, fazendo uma análise desse fenômeno para chegar a um maior entendimento sobre como o sujeito que vivencia esta experiência religiosa compreende o fenômeno.

1. UMBANDA: UMA RELIGIÃO BRASILEIRA

1.1. Sobre as religiões afro-brasileiras

A Umbanda é uma religião afro-brasileira e para poder explicar seu início é preciso voltar às religiões africanas, introduzidas no Brasil através do tráfico de escravos africanos, que tentaram trazer para o país a cultura e as religiões de sua terra de origem. Com este movimento muitas tradições africanas tiveram continuidade, mas ao se acomodarem ao novo país, muitos elementos religiosos se perderam, outros se adaptaram e outros ainda foram criados aqui (BERKENBROCK, 1997).

Berkenbrock (1997) relata que nas causas das perdas desses elementos religiosos característicos da Umbanda no seu país de origem, pode-se destacar o fato de que na África a religião tinha uma ligação com o grupo étnico e no Brasil esta ligação é quebrada, pois os africanos se viram numa sociedade não mais caracterizada pela etnia. Apesar de a cor da pele não ser esquecida, ela já não é mais parâmetro para a organização social. Assim, a cultura africana, e junto com ela as suas tradições e religiões, tornou-se característica apenas de uma classe social marcada pela subordinação, ou seja, a lógica religiosa só produz sentido para uma parte da sociedade organizada de modo muito diverso. A sociedade que os negros africanos enfrentaram aqui no Brasil era composta de senhores escravocratas e eles foram transformados em escravos. Perderam a condição fundamental da própria identidade, do grupo a que pertenciam, de suas referências históricas. Conseqüentemente houve também perdas em relação ao conteúdo das religiões, como a perda da importância do culto aos antepassados, e a simplificação da organização hierárquica das religiões.

Berkenbrock (1997) aponta que o processo de adaptação ocorreu principalmente a partir de gerações de escravos nascidos no Brasil que desconheciam e estranhavam partes da cultura africana e começaram a interpretar e apresentar mitos e ritos de forma diferente. No entanto, já na transposição das religiões africanas, as perdas de elementos deixaram lacunas que precisavam ser preenchidas tanto no processo de adaptação como na criação de novos elementos.

Um exemplo de lacuna coberta no Brasil, foi a falta da organização social a partir de grupos étnicos como famílias, clãs e estirpes. Na ausência de ligações carnis, criou-se aqui as ligações e parentescos espirituais, surgindo as funções de mãe-de-santo, pai-de-santo, filho-de-santo, entre outras relações religiosas. Como as religiões africanas não têm nenhuma instância de controle, não são institucionalizadas e sim praticadas livremente como uma tradição em movimento, torna-se consideravelmente mais fácil chegar a novas interpretações e novos agrupamentos.

Outro fator que impulsionou a criação de novos elementos religiosos era a pouca formação religiosa das lideranças, de origem africana, aqui no Brasil. De acordo com Malandrino (2006) cada centro de Umbanda tem sua organização que normalmente segue as exigências dos guias – entidades espirituais – que se manifestam, especificando a organização e funcionamento do centro, através do pai ou da mãe-de-santo. Os centros desenvolvem práticas próprias segundo o guia espiritual.

Ainda segundo Berkenbrock (1997) uma das características mais importantes das religiões afro-brasileiras e também da Umbanda é o sincretismo, que diz respeito à fusão de elementos de diferentes religiões em uma só. O sincretismo nas religiões afro-brasileiras não teve início apenas no Brasil. Ainda na África algumas religiões se aproximaram por terem aspectos em comum. Muitas tradições religiosas africanas já tinham se aproximado do cristianismo através do contato com os desbravadores e colonizadores de outros continentes. No Brasil ocorreu sincretismo com o cristianismo católico, com religiões indígenas e também numa fase posterior, com o espiritismo.

O início do sincretismo no Brasil foi marcado pela necessidade de acomodação à nova situação social. A Igreja Católica e a elite escravagista tentavam de tudo para cristianizar os negros, inclusive usando de força física (MALANDRINO, 2006). Os cultos aos seus Orixás (espíritos da natureza) era malvisto pelos brancos e por seus senhores, então, os escravos escondiam e mascaravam seus rituais através de imagens de santos católicos. No entanto, estes santos não eram escolhidos aleatoriamente, mas a partir de alguma semelhança que

tinham com aspectos de algum Orixá. Há também coerência entre estes elementos das diferentes religiões: tanto os santos quanto os Orixás são tidos como intercessores entre os religiosos e o Ser Supremo. Tanto aos santos quanto aos Orixás são atribuídas tarefas ou competências. Como exemplo dessa aproximação, Santa Bárbara é tida na religião católica como a protetora contra trovões e Iansã é Orixá dos raios. A transposição dessas competências entre os santos católicos e os orixás irá marcar profundamente a prática da Umbanda no Brasil.

Já a aproximação das religiões afro-brasileiras com as indígenas aconteceu principalmente a partir de fuga de escravos que se refugiavam em comunidades indígenas, levando à mestiçagem entre negros e índios e ao sincretismo religioso (BERKENBROCK, 1997).

1.2. Sobre a Umbanda

Após a abolição da escravatura grupos de negros descendentes da cultura banto passaram a se concentrar ao redor das cidades, principalmente a do Rio de Janeiro. A eles era designado o nome “Cabula”, por volta de 1900, e, a partir dos anos 30, passaram a ser chamados de “Macumba”. Os bantos faziam parte de um povo que vivia originalmente no noroeste da África, subsistindo da agricultura, da caça e da pesca. Esses povos acreditavam num ser superior que criou o mundo. A sua cosmogonia era mais simples do que a religião desenvolvida entre os bantos africanos.

Os grupos de influência banto tinham como prática religiosa a invocação de espíritos de antepassados. Aos poucos e bem lentamente, com a influência de outras religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, a invocação aos espíritos foi sendo substituída pela invocação de Orixás, embora a estrutura do culto tenha permanecido praticamente a mesma, mudando somente as entidades cultuadas. Estes grupos adquiriram conhecimento a respeito dos Orixás através de literatura e pela procura de pessoas que reconhecidamente conhecessem o culto aos Orixás. Junto com a influência das outras religiões também teve a influência do catolicismo e assim, a identificação entre os Orixás e os santos católicos foi assumida

(BERKENBROCK, 1997). Malandrino (2006) aponta a contribuição dos grupos bantos através do candomblé que cultuava não somente os Orixás como também entidades ameríndias, sendo que estes grupos adicionaram os elementos indígenas que faria parte da Umbanda. Eles deram origem à base de formação da Umbanda.

Berkenbrock (1997) explicita que o espiritismo de Allan Kardec também influenciou bastante na chamada Macumba. O espiritismo confirma a existência e a organização no mundo dos espíritos e fornece as idéias de que existem diferentes estágios de desenvolvimento dos espíritos e das almas e assim explicando a diferença entre os Orixás – espíritos da natureza – e as entidades banto – espírito de antepassados. Outra contribuição dada pelo espiritismo foi a função do médium que trabalha como intermediador entre as pessoas e os espíritos. Após todas estas mudanças, o nome Macumba também foi modificado, já que este tinha significado pejorativo. Prandi (2005, apud MALANDRINO, 2006) também diz que houve a passagem da Macumba para Umbanda, pois os grupos queriam se desvincular de uma tradição tão estigmatizada, e simultaneamente se apropriaram de alguns valores cristãos trazidos pelo espiritismo, sendo este um fator fundamental para a formação moral da Umbanda.

Dois nomes passaram a ser usados para a mesma prática religiosa: Quimbanda e Umbanda, significando variações de um mesmo termo que designava respectivamente o sacerdote em Angola e Congo. No Brasil, passa a designar o grupo, o lugar e a prática religiosa. Apesar da Quimbanda e da Umbanda fazerem parte do mesmo movimento, praticantes da Umbanda acusam os adeptos da Quimbanda de magia negra e de praticarem o mal (BERKENBROCK, 1997).

Branco foram atraídos para a Umbanda por conta de sua valorização social, principalmente após a contribuição do espiritismo, que trouxe suas idéias religiosas e reivindicações científicas. Os brancos, por sua vez, contribuíram com idéias religiosas da teosofia, filosofia e ocultismo, entre outras. Hoje em dia, a Umbanda é a religião afro-brasileira com maior adesão no país. Como é uma religião muito presente nas classes mais pobres, pode-se pensar que sua rápida expansão é resultado de sua oferta de cura e caridade, freqüentemente ausentes nesta parcela da sociedade (BERKENBROCK, 1997).

Não só por sua função terapêutica, que é mais evidente, a Umbanda também tem sua função de integração social. Como aponta Camargo (1961, apud MALANDRINO, 2006) esta segunda função diz respeito principalmente ao sentimento de pertencimento dos adeptos desta religião a um determinado grupo, que muitas vezes funciona como uma grande família. A função terapêutica parece chamar mais a atenção dos religiosos, pois a Umbanda lhes traz conforto para questões de saúde, desilusões amorosas, problemas financeiros e dificuldades existenciais.

1.3. Sobre os Orixás, Pretos-Velhos e Caboclos

Os iorubás fazem parte de grupos étnicos africanos, seguidores iniciais das religiões dos Orixás. De acordo com os iorubás tradicionais e os seguidores destas religiões nas Américas, os Orixás são forças da natureza, que receberam do Ser Supremo a tarefa de criar o mundo e de governá-lo, sendo que cada orixá deveria ficar incumbido de alguns aspectos da natureza, do mundo social e da condição humana. Muitos eram os orixás cultuados pelas religiões tradicionais africanas. Prandi (2001) relata que a Umbanda não incorporou todos eles, e destaca alguns dos principais cultuados por esta religião:

Exu, o orixá mensageiro que faz a ligação entre os seres humanos e os outros orixás, sendo este um orixá que foi erroneamente associado ao diabo;

Ogum, regente do ferro e da guerra;

Xangô, orixá que dirige o trovão, governa a justiça e conhece os caminhos do poder;

Iansã, orixá feminino que rege o vento, as tempestades e a sensualidade feminina, é também senhora dos espíritos dos mortos, sendo quem os encaminha para o “outro mundo”;

Oxum, orixá feminino, governa o amor e a fertilidade, é senhora do ouro e da vaidade e das águas doces;

Iemanjá, também orixá feminino e provavelmente o mais conhecido no Brasil, rege as grandes águas, o equilíbrio emocional e a loucura, é mãe dos deuses, dos homens e dos peixes;

Oxalá, “é o criador do homem e do princípio da vida, da respiração, do ar, sendo chamado de o Grande Orixá. É orixá velho e muito respeitado tanto pelos devotos quanto pelos demais orixás, entre os quais muitos são identificados como filhos seus” (PRANDI, 2001, p. 23).

No entanto, de acordo com Concone (1987) apesar da importância dos orixás nas religiões afro-brasileiras, as figuras que são realmente emblemáticas da Umbanda são tradicionalmente os pretos-velhos e os caboclos. Os dois são os principais guias espirituais que incorporados pelos médiuns nos rituais da religião. Mallandrino (2006) fala sobre as principais diferenças entre os orixás e os guias:

Os orixás se enraízam numa área mais arcaica do psiquismo e da história do mundo físico, já que são definidos como forças da natureza, o que torna possível imaginá-los como arquétipos do inconsciente coletivo em decorrência da experiência humana com o mundo material. Os guias pertencem às lembranças históricas relativas às experiências vividas nas origens da sociedade brasileira. De qualquer forma os guias se identificam com os orixás e possuem uma ligação com eles (p. 113).

As características principais destas entidades podem ser observadas nas incorporações dos médiuns durante o ritual. Os caboclos são espíritos ancestrais de índios e mostram-se altaneiros, viris e lutadores. Como aponta Concone (1987) o caboclo “apresenta-se sempre com um aspecto aguerrido, fisionomia carrancuda, dança em pé, solta gritos de guerra, faz gestos de atirar com arco e flecha. Apesar disto, não se nega a trabalhar em favor dos homens, embora o faça com altivez” (p. 141). Já os pretos-velhos, segundo a autora, são espíritos ancestrais de escravos, sendo considerados espíritos de muita luz, por terem sofrido muito quando vivos: “é humilde, compreensivo, está sempre pronto a ajudar [...] o preto-velho se apresenta curvado, fala uma algaravia (quase sempre necessita de tradutor)” (CONCONE, 1987, p. 141). Enquanto o preto-velho tem uma dança mais calma, e precisa se

apoiar em um bastão, o caboclo dança de forma mais violenta, e fica sempre em pé ou apoiado em um dos joelhos.

1.4. Sobre a mediunidade

Allan Kardec, conhecido como sendo o fundador do Espiritismo explicita em seu livro *O livro dos Médiuns* (1925) como pode ser caracterizada a pessoa dotada de mediunidade:

Todo aquele que sinta em qualquer grau a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, não constitui privilégio exclusivo de ninguém [...]. Pode, pois, dizer-se que todos os homens, com poucas exceções, são mais ou menos médiuns. Entretanto, usualmente essa denominação só se aplica àqueles cuja faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes de alguma intensidade, o que depende, então, de certa organização mais ou menos sensitiva. Devemos, além disso, observar que esta faculdade se não revela do mesmo modo em todos, pois os médiuns têm geralmente uma aptidão especial para tal ou qual ordem de fenômenos [...] (p. 215).

Alguns termos diferentes podem ser utilizados como referência à incorporação praticada nas religiões afro-brasileiras. Bourguignon (1967, *apud* CONCONE, 1987) discrimina os termos transe e possessão, relacionando este à crença religiosa e aquele a estados dissociativos estudados pela psiquiatria. Como aponta Concone (1987) a incorporação pode ter dois tipos de explicações diferentes, porém não excludentes: as explicações científicas que se referem somente à parte somática da incorporação; e as explicações místicas que dizem respeito à presença de seres ou forças sobrenaturais, do extra-somático.

Apesar de muitos terreiros (local sagrado em que o ritual da Umbanda, a gira, é praticado) apresentarem características diferentes, a incorporação é o principal elemento das giras da Umbanda em todos os terreiros, como aponta Malandrino (2006). Diferentemente do Candomblé, em que onde os médiuns incorporam orixás, na Umbanda são os guias espirituais que “baixam” nos médiuns, sendo que a incorporação de orixás acontece em ocasiões especiais (MORINI, 2007).

A incorporação é vista por muitos estudiosos como um estado alterado de consciência. Morini (2007) indica que no momento em que o estado da consciência do médium está alterada, as consciências do médium e do guia espiritual “entram em sintonia tal que permite ao guia espiritual controlar total ou parcialmente o corpo do médium” (p. 79).

Bello (1960, *apud* CONCONE, 1987) concorda com o outro autor ao apontar que a partir dos estados alterados de consciência “manifestações de um comportamento vindo dos mais profundos estratos da personalidade” (p. 94) podem se expressar.

Também Malandrino (2006) posiciona-se a favor da compreensão de que há uma alteração da consciência durante a incorporação: “O transe de possessão se caracteriza por um estado alterado de consciência (parcial ou total), que normalmente se manifesta através de alterações comportamentais, sensoriais, perceptivas e mnemônicas evidentes” (p. 111).

Bourguignon (1967, *apud* CONCONE, 1987) explica que estados alterados de consciência implicam na interrupção de funções da personalidade, interrupção da memória, dos padrões de comportamento e descontinuidade sensorial (p. 99). Semelhante é a compreensão de Metzner (1995, *apud* PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007) que entende os estados alterados de consciência como um processo – tendo começo, meio e fim – no qual os pensamentos, sentimentos e percepções se modificam.

Tendo em vista que neste capítulo foram desenvolvidos assuntos como a Umbanda como religião seguida por grande parte da população brasileira, e a mediunidade enquanto experiência religiosa, o próximo capítulo contemplará estes assuntos, para melhor esclarecê-los.

2. RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO

Para embasar a análise da coleta de dados, neste capítulo serão melhor elaborados os conceitos de religiosidade, de espiritualidade e de religião.

A religiosidade é um fenômeno que faz parte da condição humana. Eliade (1955, *apud* CROATTO, 2001) já dizia que não importa em qual contexto o ser humano esteja inserido, ele sempre acredita em forças transcendentais, no sagrado e no Absoluto, que “se manifesta nele e, por isso mesmo, sacrifica-o e o faz real” (p. 58). Giovanetti (1999) explica que o Sagrado diz respeito a como o homem se coloca frente àquilo que é transcendental a ele. Esse “transcendente” é algo totalmente outro e diferente em relação ao homem, mas ele “usa” o Sagrado para suas questões quanto à sua finitude, venerando seu caráter misterioso, absoluto e intocável. Ribeiro (2004) fala sobre a vivência religiosa ao considerar que a história da humanidade esta absolutamente conectada à história das religiões, pois o homem sempre se perguntou sobre a sua existência, desde os primórdios da humanidade e, a religiosidade sempre foi o meio mais buscado pelo homem para este conseguir dar sentido à sua vida. Ainda segundo este autor, o homem conta com uma espécie de instinto de procura da divindade:

“[...] assim como uma obra de arte, não assinada, parece estar eternamente à procura de seu realizador. [...] Esse instinto de procura da divindade é como um elo perdido ou escondido na alma de todo o ser humano, como algo cosmicamente congênito, um traço que se iniciou com a criação do primeiro homem, que, conservando o calor do toque da mão de Deus, se perpetua como fagulha na alma de todo o ser humano à procura de suas origens divinas” (RIBEIRO, 2004, p. 12).

Hamer (2005) compartilha da idéia de que existe um instinto que impulsiona o homem a buscar algo transcendente a ele. Segundo Hamer, a espiritualidade é tanto um instinto herdado geneticamente quanto um comportamento aprendido culturalmente, ou seja, é determinada pela biologia assim como pela experiência. A crença espiritual é, então, manifestada a partir de uma predisposição genética, “em resposta à nossa experiência pessoal e ao nosso ambiente cultural, sendo também moldada por esses fatores.” (HAMER, 2005, p. 22).

Hamer (2005) diferencia a transmissão da espiritualidade da transmissão da religião, sendo a última passada de geração para geração através do que ele chama de “memes”. De acordo com o autor, memes são “unidades de cultura auto-reprodutíveis, conceitos passados de uma pessoa para outra por meio da escrita, da fala, de rituais e imitações.” (p. 27). Assim, enquanto os genes contribuem para que a espiritualidade se apresente, são os “memes” que possibilitam que uma religião passe de uma geração para outra, além de diferenciarem uma religião da outra.

Tendo em vista a idéia de que o homem tem o instinto de procura da divindade, pode-se pensar nos questionamentos de Ávila (2007). O autor considera se a religião é um produto cultural ou se, ao contrário, é natural à condição humana. Se for desta última forma, o autor pontua que então a religião é permeada pelo sagrado, pelo transcendente, sendo esta experiência humana diferente de qualquer outra. Se, por outro lado, a religião for um produto cultural e social, sua função seria a de enfrentamento dos conflitos que cada pessoa vivencia durante sua vida, sendo que, assim, religião seria conceituada a partir dessa sua função principal. O que Ávila contrapõe posteriormente é que, se a religião for conceituada apenas por sua função de enfrentamento dos problemas e de busca de sentido, outros fenômenos seriam tidos como religiosos, como a filosofia, os esportes e as ideologias políticas, por exemplo (p. 13). Assim, além da busca de sentido, é a relação direta com o sagrado o que mais distingue a religião de outros fenômenos humanos.

Teixeira (2005) ressalta que, apesar da modernidade que o homem vivencia, é visível a busca pela espiritualidade, até mesmo fora das religiões instituídas. Esta sensibilidade estaria emergindo para que um “novo olhar sobre o mundo” aconteça, sendo que desta forma, o homem passa a enxergar “o gratuito e misterioso, a maravilha e o sublime” na realidade, na vida cotidiana. Se for vista desta forma, a espiritualidade serve então para que o homem passe a compreender aspectos do mundo que, não fosse a espiritualidade, passariam despercebidos. Há assim, a função de que o homem “entre em profunda comunhão com toda a realidade e ir sempre além” (p. 15). A espiritualidade então, não vai para além da experiência humana, ao contrário, ela se concentra na experiência e na vida humana. Para Teixeira, a espiritualidade é muito importante, senão essencial, para se buscar o sentido que permeia toda a realidade. Já Croatto (2001) diz que a esperança de

justiça e ressurreição que a religiosidade fornece aos religiosos tem também função de minimizar a sensação de falta de sentido de vários aspectos vida humana, sendo que muitos acreditam que suas vidas são guiadas por uma força superior.

Van der Leeuw (s/d, *apud* GOTO, 2004) explica como nasce o *homo religiosus*, aquele que busca algo maior e transcendental a ele. É sempre uma situação existencial que leva o homem à religiosidade ou a uma religião. A situação vivencial, que muitas vezes o levam à crise, provoca nele questionamentos que não podem ser respondidos no mundo fático. É então que as crises existenciais levam o homem a buscar um poder outro, pela sua “inconformidade existencial”, fazendo-o procurar por um absoluto religioso.

Para Valle (2005) o homem enquanto ser religioso, ou *homo religiosus*, provém da idéia de que o ser humano acontece com todo o seu ser perante religiões culturalmente construídas, sendo levado à vivência que o coloca frente ao Absoluto, vivência esta que pode ser chamada de experiência espiritual. Valle aponta ainda que a religião pode ser uma construção cultural, mas que se diferencia de outros constructos sociológicos por ser através da religião que “o mundo adquire um significado último para alguém que simultaneamente é consciente de sua finitude e de sua pertença a algo maior, a Alguém” (p. 94).

Segundo Van der Leeuw (s/d, *apud* BELLO, 1998) todas as produções humanas seriam para se tentar chegar à busca de um sentido. O autor fala que o *homo religiosus* é um ser que busca poderes superior para entender a vida e assim conseguir dominá-la, mas que acaba entendendo que nunca conseguirá alcançar o poder supremo e, ao contrário, acaba sendo alcançado incompreensivelmente por este. Em suas palavras:

“(...) a estrutura da religião remete a uma situação existencial que caracteriza o ser humano. Com efeito, esse último não se limita a aceitar a vida que lhe é oferecida, mas pede poder e, não o encontrando em si mesmo, “procura fazer entrar na sua vida o poder em que acredita, isso é, procura elevar a sua vida, aumentá-la, conquistar-lhe um sentido mais amplo e mais profundo” (Van der Leeuw, s/d, *apud* Bello, 1998, p. 109)

Na busca pelo sentido, o desenvolvimento espiritual se apresenta, a partir do qual o sujeito desenvolve também potencialidades, a elevação da consciência e uma “nova dimensão interior”. Frequentemente o despertar espiritual é antecedido por

uma crise pessoal, que pode ter desilusões, sensações de insatisfação e carência como causadores (ASSAGIOLI, 1986). Quando se chega ao despertar espiritual após sair da crise pessoal, o sujeito passa a ter resposta para questões que antes o afligiam, além da sensação de plenitude e segurança.

É neste momento que muitos se voltam para alguma religião como forma de manter a sensação de amparo. Thouless (1961, *apud* ÁVILA, 2007) entende religião como o conjunto de crenças e sentimentos através do qual uma pessoa se relaciona com “seres supramundanos” a partir de sua totalidade: seus sentimentos, pensamentos e comportamentos em conjunto com seus aspectos transcendentais. Velasco (1982, *apud* ÁVILA, 2007) enxerga a religião de forma bastante parecida com Thouless, também entendendo-a como um sistema de crenças a partir de onde o homem se relaciona com o transcendental, colocando-se em jogo “todos os níveis da consciência humana” (p. 14). Croatto (2001) entende o encontro com o sagrado e com o Mistério como um momento de paz e gozo, o que afeta o homem profunda, definitiva e totalmente.

Amatuzzi (1999) também entende a religião como um sistema de crenças e ritos, mas também é “campo de experiência das indagações últimas, das indagações pelo sentido” (p. 124) e por isso, é lugar em que o homem pode se desenvolver e evoluir. Para Pargament (1999, *apud* PAIVA, 2005) religião se difere de espiritualidade nos seguintes sentidos: enquanto espiritualidade diz respeito a uma experiência mais individual, afetiva e experiencial, além de envolver a busca por um sentido, pela conexão com algo superior, com o transcendental, a religião “inibe a potencialidade humana” (p. 35) e diz respeito ao organizado, ideológico e ritual. Rican (2003, *apud* PAIVA, 2005) enxerga a religião de forma parecida, segundo seu aspecto organizado e instituído, ritualístico, rígido, reacionário e moralista. Também há similaridade quanto aos seus conceitos de espiritualidade. Rican entende por espiritualidade uma experiência mais “espontâneo, informal, criativo e universal; significa autêntica experiência interior, liberdade de expressão individual, de busca e mesmo de experimentação religiosa” (p. 35). No entanto, Pargament (1999, *apud* PAIVA, 2005) acredita que a religião e a espiritualidade se unem a partir do conceito do sagrado, já que a primeira seria a procura de significância, daquilo que é

valorizado na vida através do sagrado e a segunda diria respeito a uma busca do sagrado.

O sentimento religioso, que acaba permeando as atividades e os comportamentos religiosos vistos nas religiões, tem como características principais: o “estupor” que provoca em quem o experiencia frente ao sagrado, que parece ter uma natureza polarizada entre o demoníaco e o sublime; a sensação de grandiosidade daquilo que envolve quem experiencia o sentimento em questão; a grande quantidade de energia, principalmente na chamada experiência mística; e finalmente a sensação de que o sagrado é misterioso justamente por ser diferente do ser humano, em seu caráter de intangibilidade (VERGOTE, s/d, *apud* GIOVANETTI, 1999).

O sentimento religioso pode levar à experiência religiosa ou vice-versa e Holanda (2004) discute sobre a questão de a experiência religiosa ser um fenômeno sem o qual a religião não poderia existir, já que a religião não pode existir sozinha, por ela mesma, de forma pura, mas a partir da manifestação religiosa do homem. Assim, como aponta Ribeiro (2004), o interesse da psicologia não é o de estudar a existência de Deus, mas sim de estudar a vivência de Deus e da religiosidade, experienciados por um sujeito, sendo que esta ciência compreende o homem em sua totalidade, o sujeito que pensa, que sente, que atua e que possui uma linguagem que lhe própria.

Amatuzzi (2007) fala sobre o objeto da experiência religiosa:

“O objeto da experiência religiosa é o divino, o transcendente, o absolutamente outro, o incondicionado. E a percepção desse objeto é proporcional a ele, ou melhor, à distância dele, ou seu caráter misterioso. Quando essa percepção se dá a propósito de alguma coisa ou evento do mundo que se manifesta de maneira transfigurada, exercendo assim a função de símbolo, então podemos falar de experiência do sagrado (ou de experiência religiosa acontecendo no contexto de uma experiência do sagrado)” (p. 215).

Para esse autor a experiência religiosa diz respeito a algo que o sujeito entende como real e externo a si que lhe preenche um vazio que está sentindo. Este vazio é descrito como um sentimento de grande insatisfação, de desejos profundos e irrealizáveis, como uma profunda angústia que acaba por ser apaziguada através da chamada experiência religiosa. No entanto, Amatuzzi (2007) diferencia ainda

experiência religiosa de inquietação religiosa, sendo esta última o próprio sentimento de vazio que o sujeito experiencia e que pode levá-lo à experiência religiosa. Croatto (2001) fala que as limitações são parte das experiências religiosas e a busca pelo sagrado serve ao homem para superar estas limitações.

O teólogo francês Mouroux (1952, *apud* VALLE, 2005) explica o que é, para ele, a experiência religiosa:

“a experiência religiosa se apresenta como a experiência estruturada por excelência. Consiste efetivamente em tomar consciência de uma relação pensada, querida, provada e comprometida com a vida; inserida na comunidade humana. Mais exatamente, consiste em captar o relacionamento em que todos esses elementos se integram na simplicidade de um ato que os contém virtualmente a todos eles, que os separa uns dos outros segundo cada ocasião, mas que os unifica e os transcende porque é o ato da pessoa que se entrega inteiramente ao Deus que a chama. A experiência religiosa é a consciência dessa resposta à chamada [...] é a descoberta da presença divina dentro de nós que nos faz entrar nela e, em consequência, a consciência da unificação (ao menos inicial) do ser e da vida sob a ação de Deus.” (p. 98).

A experiência religiosa é vista por Vergote (1975, *apud* ÁVILA, 2007) como “a experiência de contato com o Outro, de abertura para o mundo, enquanto parte do divino” (p. 97) e apresenta 5 categorias diferentes que caracterizam este fenômeno. São elas:

1. As experiências procedentes de um de um conhecimento intuitivo, estável e habitualmente acessível.
2. As vivências, freqüentemente afetivas, que surpreendem o indivíduo, o interpelam e o transformam momentânea ou perenemente.
3. O conhecimento fruto de um contato pessoal e prolongado.
4. As iluminações místicas culminantes de um processo.
5. As visões e revelações privadas.” (p. 98).

Ávila (2007) prefere relacionar o termo “experiência religiosa” à explicação dada no primeiro, segundo e terceiro item. Ao quarto item, o autor relaciona ao termo “experiência mística” e ao quinto, o termo “fenômenos extraordinários”.

Ávila descreve a experiência religiosa como

“a experiência imediata e intuitiva de algo ou alguém que me transcende, que pode ser uma experiência meramente pontual [...] ou aparece de forma mais ou menos estável ao longo da vida do indivíduo.”(PAG)

Assim, a experiência religiosa diz de uma vivência mais estável e duradoura, uma vivência de fundo. É uma experiência de encontro com uma realidade que

transcende quem a vivencia, fazendo com que o indivíduo se perceba “limitado e incoerente” e ao mesmo tempo se sinta grande e pleno ao experienciar uma situação de chamamento pelo inefável (Ávila, 2007).

As experiências místicas são para Ávila o “ápice” da experiência religiosa, sendo parte do processo de maior comunhão com o transcendente. De acordo com Velasco (1999, *apud* ÁVILA, 2007) as experiências místicas são experiências “interiores, imediatas e fruitivas, que acontecem num nível de consciência que supera a que rege a experiência ordinária e objetiva” (p. 105). A própria pessoa que experiencia esta vivência não percebe separação entre sujeito e objeto, sendo esta uma vivência de comunhão. As experiências místicas são ainda iluminadoras no sentido de serem “plenas de significado e de importância, nas quais se dá uma comunhão íntima com a verdade” (p. 106), sendo o universo compreendido como integrado.

Os fenômenos extraordinários, como mostra Ávila, podem ser divididos principalmente em êxtase, visões, audições, etc. O êxtase é um encontro com uma “realidade última para além do nosso ser” (p. 118) sendo pontual e implicando alteração de consciência. Podem ser percebidas nestes fenômenos manifestações cognitivas, que dizem respeito a uma concentração tão intensa que faz o sujeito alcançar o transe, e emocionais (exaltação e entusiasmo). Maslow (1982, *apud* ÁVILA, 2007) aponta que a principal alteração da consciência no momento do êxtase é a desorientação no tempo e espaço, sendo que nele “tudo é absorvido e todo o resto coloca-se em segundo plano carente de importância” (p.119). Este fenômeno é de curta duração e provoca emoções intensas (JAMES, 1986, *apud* ÁVILA, 2007).

Grof e Grof (1989) chamam de “emergências espirituais” as situações que levam o indivíduo a uma melhora na sua personalidade, resolução de problemas e uma evolução que leva a uma consciência superior. Um desencadeador freqüente de emergências espirituais é o “envolvimento profundo com várias formas de meditação e de prática espiritual” (p. 28). Para o presente estudo, as formas de emergência espiritual que mais interessam são a crise de abertura psíquica e as comunicações com espíritos-guia (canalização).

A crise de abertura psíquica pode ocorrer por meio da chamada abertura de consciência, através da qual a pessoa que a vivencia pode ter, entre outras sensações, a de “perda da identidade e da adoção da identidade de outrem. Isso pode envolver a adoção da imagem corporal, da postura, dos gestos, da expressão facial [...]” (GROF e GROF, 1989, p. 38). Nas comunicações com espíritos-guia, existe a relação entre o médium e um ser que normalmente é visto como um “ser humano desencarnado, uma entidade sobre-humana ou uma divindade de planos superiores e dotada de extraordinária sabedoria” (GROF e GROF, 1989, p. 40). Essa comunicação costuma ser realizada através de uma transmissão de pensamento. Através da chamada canalização a pessoa recebe a mensagem de uma consciência exterior à sua e, passa a mensagem quando está em transe.

Quanto aos ritos religiosos, Croatto (2001) aponta que eles surgem do fato de que o homem sempre conseguiu expressar melhor sua religiosidade através dos gestos físicos e, sendo assim, os ritos são então uma linguagem essencial para a vivência do sagrado. Aparentemente, os rituais são os aspectos mais sobressalentes de qualquer religião, sendo determinados pelos gestos e pela organização, tendo eles grande impacto social. Assim, o rito guia “o desenvolvimento de uma ação sacra. O rito é uma prática periódica, de caráter social, submetida a regras precisas.” (p. 329). O rito tem então a função de criar meios para que haja a comunhão com o transcendente. Um exemplo de rito é a oração, que é a própria comunicação entre aquele que ora – o religioso – e a divindade, sendo a oração um rito dotado de grande sentido e vista pelos religiosos como plena de força e eficácia.

Amatuzzi (1999) explica como acontece o desenvolvimento da religiosidade. Após crescer num contexto onde existe uma religião de referência, o jovem, na adolescência, passa a experienciar a necessidade de o mundo para além do contexto familiar, mas sem deixar a família totalmente para trás, pois é ela quem dá a sustentação para o jovem se sinta seguro o suficiente para vivenciar essas atividades exploratórias. Nesse momento, pode haver “abandono da prática religiosa dos pais por ser uma prática *dos pais*, e não de seu grupo novo” (AMATUZZI, 1999, p. 135). Após passar pela fase de exploração, se o jovem não tomou o grupo como seu novo grupo de referência, pode haver o reencontro com a religião inicial, sendo

que esse reencontro pode ser ocasionado por uma experiência religiosa marcante. Se ela ocorrer, e for suficientemente transformadora

“a pessoa vai ressignificando sua confiança básica nos termos daquela fé, passando por todas as fases anteriores [...]. Em relação ao que é próprio dessa fase, a confiança básica será ressignificada como confiança apoiada num vivido do qual a pessoa possa se dar conta experiencialmente, o que significa dizer que ela se dá conta da importância de sua experiência pessoal no campo da fé e é capaz de falar sobre isso. Se tudo isso acontece no plano religioso, a fé nesse momento é um fé fundamentada crítica e experiencialmente” (AMATUZZI, 1999, p. 136).

A partir da bibliografia levantada neste capítulo e pelo relato da colaboradora, será buscada uma compreensão acerca de sua religiosidade, levando-se em conta suas motivações, seus sentimentos, suas próprias compreensões e atitudes expressas em suas vivências religiosas, que influenciam diretamente sua vida e seu modo de ser. Desta forma, o fenômeno religioso no caso da colaboradora poderá ser melhor compreendido através da perspectiva da mesma.

3. MÉTODO

A presente pesquisa utilizou o método de pesquisa qualitativa e abordagem teórica fenomenológica para realizar o estudo de caso do fenômeno mediúnico. Para tanto foi realizada uma entrevista semi-estruturadas não diretivas, como o estudo de Amatuzzi (1998) apresentado na introdução. Após a entrevista, a literatura consultada foi relacionada com os conteúdos emergentes na entrevista.

Segundo Martins (2006) a entrevista tem como principal objetivo “compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador” (p. 27). O caráter semi-estruturado da entrevista faz com que o pesquisador obtenha informações, opiniões e dados através de conversação que não é dirigida rigidamente por um roteiro, mas que usa algumas questões para serem trabalhadas e discutidas.

3.1. Colaboradores

Como esta foi uma pesquisa qualitativa através da qual se procurou estudar a experiência subjetiva de uma pessoa que esteja inserida num contexto religioso, sua realização contou com a colaboração de uma participante, do sexo feminino com idade de 35 anos. A participante é médium de Umbanda e foi localizada por atuar num Centro Espírita.

3.2. Instrumentos e local

A coleta de dados foi feita através de entrevista semi-estruturada. A entrevista foi registrada por gravador e foi, posteriormente, transcrita. A coleta de dados foi realizada no próprio Centro Espírita, em São Paulo, onde a participante freqüenta e pratica sua religião.

3.3. Procedimento

A coleta de dados ocorreu em 3 fases:

3.3.1. Levantamento de referências da literatura relacionadas a experiências religiosas e mediunidade para embasar as observações e entrevistas a serem feitas;

3.3.2. Entrevista semi-estruturada não diretiva a fim de um melhor entendimento da dimensão subjetiva da participante;

3.3.3. Análise dos conteúdos temáticos da entrevista, tendo em vista uma compreensão da experiência mediúnica.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Para obter a análise e a interpretação dos dados coletados na entrevista realizada, os conteúdos foram separados em categorias temáticas. Desta forma, a experiência mediúnica pode ser analisada de acordo com o próprio discurso da colaboradora.

4.1. Compreensão da mediunidade

Adriana² acredita que a mediunidade é inata, no entanto, as pessoas podem escolher se desenvolvem ou não essa habilidade. Ou seja, então, pode-se pensar na mediunidade como um dom a ser apropriado e desenvolvido pelo sujeito. Para aqueles que escolhem desenvolvê-la, como foi o caso de Adriana, a mediunidade possibilita a comunicação entre o médium e o seu guia espiritual e através do que Adriana chama de intuições, a pessoa obtém respostas a dúvidas e inquietações. No entanto, Adriana fala sobre o livre-arbítrio dos médiuns, sendo que eles podem escolher seguir suas intuições ou não, sabendo que haverá conseqüências para qualquer caminho que percorrerem.

Adriana atribui certo poder à mediunidade, já que o médium pode intuir coisas sobre outras pessoas, sentir se elas emanam energias positivas ou negativas, ou seja, o médium percebe aspectos de algumas pessoas que não são sentidas por aqueles que não têm a mediunidade desenvolvida.

4.2. Influência da família

Adriana entende que sua religiosidade está bastante ligada ao fato de ter crescido “*dentro da religião*” (sic). Sua mãe sempre freqüentou o centro de Umbanda e sempre foi médium de incorporação, mas nunca se sentiu pressionada a adotar a Umbanda como sua religião. Diz sempre ter sido compreendida e acolhida por sua

² Foi utilizado nome fictício para preservar a identidade da colaboradora.

mãe, mesmo no período de crise pelo qual passou. Nesse período, Adriana se afastou do centro e da religião, mas quando conseguiu melhorar, teve a iniciativa de entrar “*de corpo e alma*” (sic) na religião, sem sofrer pressões da mãe para que isso acontecesse.

4.3. Conflitos e crises pessoais

Os conflitos e crises pelos quais Adriana passou em sua vida pessoal foram as experiências que antecederam a entrada definitiva de Adriana na Umbanda.

Adriana passou por dificuldades em sua vida amorosa quando tinha por volta de 18 anos, e isso a aproximou do centro. No entanto, com o tempo, passou a ter uma vida social bastante intensa, convivendo com pessoas que “*não eram tão legais*” (sic). Isso fez com que sua vida tomasse um rumo negativo: Adriana passou a fazer coisas “*que não eram da minha personalidade, [...] me envolver com pessoas que não tinham pensamentos tão bons*” (sic). Nessa fase, Adriana passou a agir com irresponsabilidade, e acabava preocupando os seus pais, fazendo coisas como sair à noite e chegar em casa de manhã. Nesse período de desorganização pessoal, a mãe de Adriana a compreendia mas não deixava de mostrar para a filha que essas experiências pelas quais Adriana estava passando eram negativas para a sua espiritualidade. Além de sua mãe, Adriana ainda chegava a ir ao centro alguns dias e acabava tomando bronca das entidades, mas ela não se conscientizava que o que estava fazendo era errado.

Adriana costumava freqüentar danceterias “GLS”. Diz que nesses lugares há muita energia pesada e promiscuidade. Sobre isso Adriana diz: “Com a visão que eu tenho hoje, não acho isso legal, acho que é vulgar, é atrair um coisa ruim, você fica muito disponível e você perde o referencial do que você quer e do que você gosta” (sic). Em determinada noite, Adriana teve uma experiência física e espiritual, que, segundo ela, a “acordou”. Estava na danceteria e de repente se sentiu paralisada, escutando um zunido forte no ouvido e foi quando percebeu que não queria mais fazer aquelas coisas, percebeu como todos que estavam ali tinham uma carência muito grande e então pediu ajuda espiritual para seu Orixá protetor e conseguiu se

afastar tanto das pessoas quanto dessa dinâmica negativa. É a partir desse momento que Adriana se entrega para a religião.

4.4. Manifestações e sinais indicadores do sagrado na vida cotidiana

Em momentos do seu discurso, Adriana faz referência a acontecimentos que indicam uma presença do Sagrado na sua vida cotidiana, o que pode indicar também a forma como ela vê o mundo: sob a ótica religiosa.

Após essa vivência de crise espiritual que a fez mudar de comportamento, Adriana percebe uma influência direta da religião na sua vida. Diz que as pessoas com quem saía e vivia as experiências que hoje diz serem negativas desapareceram e, mesmo quando ela as procurava, Adriana não as encontrava e Adriana atribui às entidades da religião esse afastamento.

Outro momento em que o Sagrado se faz presente é quando Adriana se muda para Brasília com o marido, que conheceu no centro de Umbanda por intermédio de uma entidade. Quando está em Brasília, Adriana diz sentir falta do centro o da Umbanda e quando essa falta se torna mais forte e quando ela percebe que realmente faz parte da religião, *“tudo conspirou”* (sic) para que eles retornasse para São Paulo e para o centro. Ou seja, é como se as entidades, os guias espirituais agissem de tal forma que as circunstâncias mudassem e eles tivessem que voltar.

4.5. Sensação de pertencimento

Conforme vai se desenvolvendo e evoluindo dentro da religião, Adriana mostra se sentir pertencente a este grupo religioso e seus sistemas de crença, sentindo-se ligada e conectada a ele e às entidades que usam de seu corpo para se manifestarem. Há também o sentimento de conexão com o Sagrado.

A primeira entidade que Adriana manifestou foi uma criança que disse, através de Adriana: *“Eu vim ficar de vez. Eu vim ajudar a minha tia”* (sic). Essa

ocorrência mostra que Adriana se sente também acolhida e é a partir daí que passa a se fortalecer dentro da religião. É também quando vai morar em Brasília que Adriana percebe como está ligada à Umbanda.

Outro indicativa da sensação de pertencimento de Adriana é o fato dela se sentir tão identificada com seus guias espirituais, ao se referir às entidades como sendo “*metade do que se é*” (sic). Essa identificação é percebida no discurso de Adriana, por exemplo, quando ela fala que sua personalidade é similar a dos seus guias, além de haver uma sintonia grande entre ela e os guias. Se as entidades são partes tão essenciais da religião, essa conexão faz com que Adriana também se sinta como peça importante da engrenagem que movimenta a religião.

Adriana fala ainda sobre o momento em que o guia chefe da gira a convocou para dizer que ela já estava pronta para se tornar médium de incorporação. Este chamamento parece ser enxergado por Adriana como um honra, um momento de aceitação e pertencimento.

4.5.1. Dependência religiosa

A sensação de pertencimento pode provocar também uma dependência religiosa e espiritual: a partir do momento que o sujeito se sente tão conectado ao contexto religioso, ele pode ter a sensação de que precisa do consentimento dos guias para realizar suas atividades. Isso se mostra na experiência de Adriana quando ela vai para Brasília. Adriana conta que, antes de viajar, ela pede o consentimento dos guias e, quando eles concedem, ela vai. Essa dependência também se mostra quando Adriana começa a desenvolver sua mediunidade e se torna médium de incorporação. Nesse momento, ela precisa abrir mão de suas consultas com os guias do centro, e passa a “emprestar” o seu corpo, para que outros se consultem com os seus guias, através dela. É quando Adriana diz ter se sentido órfã, o que podemos interpretar como um rito de passagem: o abandono da criança que necessita ser aconselhada e guiada para se tornar o adulto independente.

4.6. A vida pessoal

A vida pessoal de Adriana parece ser norteada por um sistema de crenças com os quais ela vive em sintonia e em acordo. Um exemplo da conexão entre a vida pessoal e a vida religiosa de Adriana é a forma como ela se aproximou do atual marido. Eles se conheceram no centro e se aproximaram através do intermédio de uma entidade, que delegou a eles uma tarefa em comum. A aproximação deles ocorreu por uma identificação: ambos tinham passado por momentos de crise. Logo decidem morar juntos e, quando ele é obrigado a se mudar para Brasília por causa de seu trabalho, Adriana decide ir junto com ele, com o consentimento dos guias.

A sua entrega para a religião a que Adriana se refere é uma escolha pessoal, pois diz que, a partir do momento que escolheu seguir essa religião, decidiu também se comprometer com o centro e com as suas atividades espirituais. Isso inclui as limitações que a religião oferece, como o exemplo que ela dá ao dizer que não se pode pintar as unhas de cor escura no dia que tem gira.

Adriana fala que a partir da Umbanda aprendeu que não se deve fazer nada de mal a outras pessoas, pois isso pode voltar para ela no futuro, é o que ela chama de “roda do destino”. Essa crença molda a forma como Adriana se comportaria em determinadas situações. Adriana diz que a religião é fonte de coisas boas, lhe deu tudo de bom e faz com ela dê o seu melhor, inclusive tendo mais consciência de suas ações.

4.7. O trabalho como médium

4.7.1. Rituais

Primeiramente, para que Adriana desempenhe seu papel como médium, precisa se cuidar, fazendo algumas “tarefas” para manter seu corpo e seu espírito prontos para a incorporação. A médium precisa manter o que ela chama de autocuidado espiritual: tomar banhos com ervas, acender velas para as entidades, fazer oferendas. Além disso, no dia em que há a gira, Adriana não pode manter relações

sexuais. No entanto, essas tarefas não parecem incomodar Adriana, pois ela diz ser natural ter que se cuidar para poder cuidar dos outros.

No momento que antecede a incorporação de fato, Adriana realiza um ritual pessoal, quando ela ora, faz uma prece, o que ela chama de “conversar com Deus” e então ela começa a sentir as sensações físicas, através das quais ela sabe que a incorporação vai acontecer. Passa a enxergar sem foco, sente muito sono e é então que perde a consciência, que só retorna após algumas horas, depois que a entidade deixa seu corpo. Quando fala do momento da incorporação, Adriana se refere a uma dominação do seu corpo por parte dos guias.

4.7.2. Desenvolvimento da mediunidade

Desde o primeiro momento em que Adriana se propõe a “entrar de corpo e alma” na Umbanda, trabalhando como médium, há um caminho de desenvolvimento pelo qual ela passa, tanto na sua mediunidade quanto na sua maneira de lidar com a vida.

A primeira referência que Adriana faz a esse desenvolvimento é quando fala da situação em que ela percebe que sua vida não está tomando um rumo positivo. Diz, então, que a partir do momento em que a consciência de uma pessoa “*desperta para determinadas coisas, sejam elas boas ou ruins, você consegue raciocinar o que de fato você quer e o que de fato não faz bem*” (sic). Adriana se refere ao autoconhecimento que acompanha o despertar da consciência.

4.7.3. Limitações e obrigações

Adriana fala várias vezes durante a entrevista que é sacrificante trabalhar como médium de incorporação, pois tem que se entregar, se comprometer com a rotina de ir 3 vezes por semana “emprestar” seu corpo para que as entidades possam realizar o seu trabalho. Mas por outro lado, ela diz se incomodar com os outros médiuns que reclamam e se lamentam, dizendo ser um “peso” ser médium de incorporação. Adriana acredita ser ingrátido da parte desses médiuns, pois ela aponta as compensações, as coisas boas que recebe em troca do seu trabalho. Diz que a religião ajuda muito as pessoas.

Como Adriana está sempre com sua energia limpa, ela diz que pode sofrer a influência de pessoas que estão com energias mais pesadas. Segundo a entrevistada, essas pessoas podem, sem querer, “roubar” sua energia limpa, fazendo com que ela sinta mal-estar, arrepios, e às vezes, zunido no ouvido. Quando sente que isso acontece, precisa se afastar do lugar ou da pessoa em questão, para se proteger.

4.7.4. Compensações pessoais

Em diversos momentos da entrevista Adriana aponta que a mediunidade e seu trabalho como médium lhe deu muitas compensações aos sacrifícios que tem de fazer para se comprometer com a religião. Assim que ela passa a atuar no centro, mostrando esse compromisso, Adriana já sente que as compensações passam a aparecer. Essas compensações se traduzem em sensações de amparo, completude, vontade de fazer o bem, de fazer caridade que a deixavam bem, apesar de sentir “*carência de companhia, de amigos e de namorado*” (sic) fora do centro, na sua vida pessoal. Essas sensações fazem com que Adriana se sinta acolhida pela religião, fazem com que ela se sinta pertencente a esse lugar.

Outra compensação a que Adriana se refere é o equilíbrio emocional que a colaboradora percebe como sendo uma parte da troca que acontece entre ela e os guias espirituais: “*Você está abrindo mão de muita coisa em função dessa missão que é a de trabalhar usando o seu corpo como veículo. Mas por outro lado, eles também devolvem pra você isso em forma de alegria interior, equilíbrio, constância. Constância no pensar*” (sic). Segundo ela, esse equilíbrio acabou ajudando-a a ter retorno financeiro, pois apesar de a religião pregar a humildade, a melhora financeira acaba sendo consequência do equilíbrio emocional, já que as entidades proporcionam força interior a partir do conforto emocional. Adriana se sente cuidada pelas suas entidades.

Adriana fala sobre de pessoas que foram ajudadas pela Umbanda e como essas histórias a motivam a continuar trabalhando no centro. Esses casos envolvem pessoas que estavam muito doentes e que melhoraram muito ou se curaram após serem ajudadas pelas entidades. Adriana se emociona falando da superação, gratidão e da fé que mudaram as histórias dessas pessoas, sendo que Adriana faz

parte desse movimento de mudança e por isso, esses relatos a deixam ainda mais comprometida e motivada na sua mediunidade.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Levando em consideração que a bibliografia revisada apresenta conteúdos que dizem respeito aos principais elementos da entrevista realizada com a colaboradora, na discussão dos resultados os temas emergentes da entrevista serão relacionados à literatura consultada.

Assim como Adriana diz que todos são médiuns, Allan Kardec (1925) também explica que a mediunidade não é exclusiva de ninguém. Ao dizer que a mediunidade é inata, pode-se pensar que Adriana está falando de uma religiosidade que faz parte da condição humana, como é apontado por Eliade (1955, *apud* CROATTO, 2001), que diz que há sempre a crença por parte do homem em forças transcendentais. Assim, a mediunidade de Adriana estaria relacionada à espiritualidade que é condição ontológica do homem de que fala Amatuzzi (1999) , Safra (2003, *apud* JUNIOR, 2008) e Hamer (2005).

Ao contrário do que diz Giovanetti (1999), Adriana não entende o transcendente como algo intocável, já que ela se relaciona com suas entidades através de uma comunicação própria, além de se sentir conectada a seus guias espirituais, sendo que ela sente que recebe deles respostas a dúvidas e inquietações. Esse poder de comunicação do médium com seres que estão em outras dimensões já havia sido mencionado por Novaes (2002) e Klimo (1998, *apud* ALMEIDA; NETO, 2004). Grof e Grof (1989) confirmam a experiência de comunicação de Adriana com seus guias espirituais, quando esses autores falam que a relação entre o médium e as entidades se dá em forma de transmissão de pensamento, como quando Adriana se refere às intuições que têm.

O desenvolvimento da religiosidade de Adriana seguiu o seu desenvolvimento pessoal, como apontou Amatuzzi (2000, *apud* BAUNGART; AMATUZZI, 2007) e Amatuzzi (1999): Adriana cresceu vendo sua mãe seguir a religião, mas na sua adolescência, juntamente com a sua crise pessoal, Adriana deixou de se sentir conectada com a religião de forma considerável, mas retornou à suas crenças numa fase mais adulta. O sentimento de espiritualidade sempre acompanhou Adriana, o que pode confirmar a idéia de Hamer (2005) a escolha da religião tem a ver com

uma transmissão cultural e familiar. A noção de que a espiritualidade se manifesta a partir de uma predisposição genética é ainda reforçada pelo fato de Adriana nunca ter sido pressionada pela mãe para freqüentar o centro de sua religião.

A escolha de Adriana de se entregar para a Umbanda aconteceu após ela ter passado por uma crise pessoal que a fez questionar sua vida. Van der Leeuw (s/d, *apud* GOTO, 2004) fala sobre crise como uma situação existencial que faz com que o homem busque um absoluto religioso, como fez Adriana na crise pela qual passou quando estava na danceteria. Também Assagioli (1986) explica que muitas vezes uma crise pessoal que envolva, entre outras coisas, carência, faz com que a pessoa experiencie um despertar religioso, como ocorreu com Adriana quando ela diz que a experiência física e espiritual que vivenciou a “acordou” e a fez perceber a carência das pessoas que estavam ao seu redor, o que a levou a mudar de comportamento e se comprometer com a sua religiosidade e com a religião. Assagioli (1986) também fala sobre o desenvolvimento espiritual que acontece a partir da busca por um sentido na vida, o que leva o sujeito a procurar a religião, como fez Adriana Ávila (2007) compartilha da idéia de que a religião tem função de enfrentamento de conflitos como foi demonstrado na vivência de Adriana

Quando Adriana passa a desenvolver sua religiosidade, começa também a obter respostas a dúvidas e inquietações, como aponta Assagioli (1986). Essa comunicação que Adriana estabelece com o transcendental a faz ter a certeza de que existe de fato um sagrado com o qual ela se relaciona, assim como explica Hay (1994, *apud* AMATUZZI, 1998). Essa certeza a que se refere Hay também é vista nas ocasiões em que Adriana conta como as entidades influenciaram na sua vida, afastando-a das pessoas que não eram boa influência para ela e, posteriormente, fazendo com que voltasse de Brasília. Também Baungart e AmatuZZi (2007) apontam que a experiência religiosa acontece através do encontro com uma outra dimensão e Thouless (1961, *apud* ÁVILA, 2007) explica que a relação estabelecida com o transcendente envolve a totalidade da pessoa.

A forma que se relaciona com as entidades e o acolhimento que sentiu quando passou a freqüentar o centro de Umbanda fez que com Adriana se sentisse pertencente a esse grupo religioso, como foi lembrado por Camargo (1961, *apud*

MALANDRINO, 2006), quando ele fala da função de integração social da Umbanda, o que faz com que os adeptos da religião tenham a sensação de pertencimento. Essa sensação também pode ser identificada quando Adriana fala da sua identificação com os guias espirituais.

Croatto (2001) fala de como as pessoas religiosas têm a sensação de que suas vidas são guiadas por uma força superior, além de que a religiosidade fornece a esperança de justiça. Essas idéias podem ser vistas no discurso de Adriana quando ela fala de como a religião fez com que ela entendesse que não se pode fazer mal às pessoas, pois do contrário, esse mal pode voltar para ela num outro momento. Isso indica sua crença num poder superior que rege o que ela chama de “roda do destino”, que faz com que tudo o que se oferece aos outros, retorna a ela, sejam coisas boas ou ruins. Além disso, essa crença numa força superior também se mostra quando Adriana fala dos momentos em que o curso da sua vida foi alterado pelas entidades, tanto no período de crise pelo qual passou, quanto no período que está em Brasília e “tudo conspira” para que ela volte para São Paulo. A busca pelo sentido da vida a que se refere Van der Leeuw (s/d, *apud* Bello, 1998, p. 109) pode ser encontrada na fala de Adriana já que, como Van der Leeuw aponta, Adriana ao entrar na religião e desenvolver sua religiosidade, ela acaba encontrando para a sua vida um sentido mais profundo, tanto por entender que sua vida é guiada por uma força superior quanto por perceber sua importância na religião para ajudar outras pessoas.

Essa ajuda a que Adriana se refere quando fala das pessoas que tinham problemas de saúde e melhoraram ou até mesmo a ajuda que a religião oferece aos médiuns. No primeiro caso, em especial, pode-se pensar na função terapêutica da religião, lembrada por Camargo (1961, *apud* MALANDRINO, 2006) quando esse fala que a Umbanda oferece aos seus seguidores conforto para todas as ordens de problemas que uma pessoa pode enfrentar. Para Adriana o aspecto que mais lhe faz bem na prática da sua religiosidade é o que ela chama de equilíbrio emocional que ela passou a perceber depois que tomou consciência de sua crise e passou a se entregar para a religião. Grof e Grof (1989) falam das “emergências espirituais” se referindo à melhora na personalidade e a elevação da consciência do indivíduo após o envolvimento com uma prática espiritual.

No caso de Adriana a prática espiritual que a levou a alcançar esses benefícios tanto para ela quanto para outros, é a incorporação dos seus guias espirituais. Nos termos de Bourguignon (1967, *apud* CONCONE, 1987) poder-se-ia dizer que Adriana experiencia possessão, por ser a possessão relacionada a crenças religiosas. O momento de incorporação implica num estado alterado de consciência como indicam Morini (2007) e Malandrino (2006). Morini fala de uma união entre as consciências do médium e do guia, fazendo com o guia possa ter total controle do corpo do médium. Na fala de Adriana essa questão pode ser identificada pelo fato de ela dizer que, no momento da incorporação, perde sua consciência, sendo que é o guia que domina o seu corpo. Metzner (1995, *apud* PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007) e Malandrino (2006) explicam que os estados alterados de consciência implicam numa alteração também dos comportamentos, das sensações e das percepções do médium, como é experimentado por Adriana já que no momento da incorporação Adriana passa a se comportar de maneira diferente, já que não é ela quem está controlando o seu corpo e as suas percepções são alteradas logo antes de incorporar, como quando ela fala da visão desfocada e da sonolência que sente.

Assim, pensando que as incorporações são as principais experiências religiosas que Adriana vivencia, já que o objeto da experiência religiosa é sempre o sagrado (AMATUZZI, 2007) pode-se compreender porque, no caso da Umbanda em espacial, a experiência religiosa é de fato uma experiência sem a qual a religião não poderia existir, como fala Holanda (2004), pois a incorporação enquanto experiência religiosa é a base da Umbanda. Entende-se que experiência religiosa de Adriana lhe preencheu um vazio, como apontado por AmatuZZi (2007), já que ela diz sobre as compensações que acompanharam seu desenvolvimento espiritual: as sensações de amparo, de completude e de caridade apesar da carência que sentia. Mouroux (1952, *apud* VALLE, 2005) explicou a experiência religiosa como uma experiência estruturada, desejada, sendo um ato de entrega à presença divina e, é isso que experiencia Adriana já que a incorporação é organizada (tanto no plano espiritual quanto pelos médiuns, já que cada pessoa tem seus próprios guias e cada guia só incorpora numa só pessoa), estruturada por ter um começo, um meio e um fim, e é desejada por Adriana, que se entrega a cada vez que tem seu corpo tomado por

uma entidade. Pode-se pensar na experiência de incorporação como a experiência mística explicada por Velasco (1999, *apud* ÁVILA, 2007) por serem experiências de encontro e comunhão com o transcendente. Outra forma de enxergar a incorporação é através do olhar de Grof e Grof (1989) que falam sobre a crise de abertura psíquica, através da qual ocorre a abertura da consciência e a o sujeito se sente ser tomado por outra identidade.

Assim, como mostra Thouless (1961, *apud* ÁVILA, 2007), a religião possibilita a relação entre o ser humano com o transcendente, sendo que Adriana vivencia essa relação através da sua religião, que é o campo que permite as indagações pelo sentido como aponta Amatuzzi (1999). Assim, a religião e a espiritualidade se unem pelo sagrado, como explica Pargament (1999, *apud* PAIVA, 2005).

Através dessas relações entre as vivências da colaboradora e as literaturas consultadas, pôde-se compreender as experiências dela a partir do seu próprio ponto de vista, levando-se em conta que a melhor forma de acessar as vivências de um sujeito é tentando compreender seu ponto de vista.

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho de pesquisa foi realizado através do levantamento de literatura e da coleta de dados através de uma entrevista não diretiva a fim de se compreender a religiosidade de uma médium a partir do seu próprio ponto de vista.

Pode-se entender que a religiosidade influencia de forma direta na vida da colaboradora, sendo que, apesar de suas experiências religiosas mediúnicas acontecerem de modo prevalente no centro espírita, sua vida em geral é condicionada pela sua religiosidade. Essa influência se mostra na sua prática religiosa, na formação de sua família, na sua criação e nas formas como lida com dificuldades e conflitos.

Antes de se chegar ao final desta pesquisa, poder-se-ia supor que a religiosidade é bastante presente em outros âmbitos da vida de um médium, não somente nos locais onde há a prática direta da religião. No entanto, é possível pensar que, não somente a religiosidade influencia outros âmbitos da vida, mas permeia todas as vivências de uma pessoa que experiencia a prática mediúnica.

Para continuar a pesquisa sobre religiosidade, poder-se-ia estudar como a religiosidade se relaciona com conceitos da fenomenologia, como angústia e finitude. Esses são temas que provavelmente podem ser encontrados nas vivências de sujeitos religiosos, como é o caso da colaboradora da presente pesquisa. Como foi visto neste estudo, a religiosidade parece ajudar na superação de conflitos que envolvem sentimentos de angústia, e é recorrentemente relacionada à finitude dos homens, que buscam a confirmação da existência de uma continuação da vida para além da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. *A experiência religiosa: estudando depoimentos*. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 15, n. 2, p. 3-27, Mai/Ago. 1998. Disponível em: http://biblioteca.ricesu.com.br/art_link.php?art_cod=2602 Acesso em 28 Mai. 2009.

_____. Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In: M. Massini & M. Mathfoud (Orgs.), *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Edições Loyola. 1999. p. 123-140

_____. Uma aproximação fenomenológica à experiência religiosa. In: ARCURI, I. G.; LOPEZ, M. A. *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007. p. 209-217.

ASSAGIOLI, R. Auto-realização e distúrbios psicológicos. 1986. . In: GROF, S.; GROF, C. (Orgs.) *Emergência espiritual: crise e transformação espiritual*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997. p. 47-66.

ÁVILA, A. *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAUNGART, T. A. A.; AMATUZZI, M. M. Experiência Religiosa e Crescimento Pessoal: Uma Compreensão Fenomenológica. *Revista de estudos da religião*, São Paulo, pp. 95-111, dez. 2007. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/i_baungart.pdf>. Acesso em 15 abr. 2009.

BELLO, A. A. *Cultura e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: EDUCS, 1998.

BENKÖ, A. *Psicologia da religião*. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

BERKENBROCK, V. J. *A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

CONCONE, M. H. V. B. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1987.

CROATTO, J. S. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

GIOVANETTI, J. P. O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.) *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. p. 87-96.

GOTO, T. A. O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.

GROF, S.; GROF, C. Emergência espiritual: para compreender a crise de evolução. 1989. In: GROF, S.; GROF, C. (Orgs.) *Emergência espiritual: crise e transformação espiritual*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997. p. 22-45.

HAMER, Adriana O gene de Deus: como a herança genética pode determinar a fé. São Paulo: Ed, Mercury, 2005.

JUNIOR, F. G. *Considerações sobre a constituição do self e da religiosidade na pessoa humana*. Estudos de Psicologia, Campinas, vol. 25, n. 4, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000400007&script=sci_arttext>. Acesso em 14 abr. 2009.

KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1925.

MALANDRINO, B. C. Umbanda: mudanças e permanências – uma análise simbólica. São Paulo: Educ, 2006.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MOREIRA, Adriana A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 2002.

MORINI, C. A. T. *Ritual de Umbanda: A influência dos estímulos somato-sensoriais na indução do transe mediúnico*. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.

NOVAES, A. M. F. *Psicologia e mediunidade*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, out. 2002.

PERES, J.F.P.; SIMÃO, J. P. S.; NASELLO, A. G. *Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia*. Revista de Psiquiatria Clínica. São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 136-145, 2007.

PRADO, A. Arte como experiência religiosa. In: M. Massini & M. Mafhfoud (Orgs.), *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 17-32.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 83-107.

ZANGARI, W. *Experiências anômalas em médiuns de Umbanda: uma avaliação fenomenológica e ontológica*. Boletim - Academia. Paulista de. Psicologia, vol.27, no.2, p.67-86, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 mai. 2009.

ANEXOS

ANEXO I

Entrevista

Duração: 61'51”

“Eu gostaria que você me falasse sobre o sentido da mediunidade na sua vida e sobre a sua religiosidade. Me fale tudo o que você acha importante sobre esse assunto.”

Adriana – Começou novinha. O médium, eu acredito que ele nasce assim. Todos têm a sua mediunidade, o segredo é: desenvolvê-la ou não. No meu caso, a minha mãe quando ela estava esperando o bebê na barriga, que era eu, ela já era médium, ela já era freqüentadora de centro [*espírita*] então não teve como eu não participar deste meio. Então posso considerar que praticamente nasci dentro da religião e, a evolução disto [*da mediunidade da entrevistada*] foi, de certa forma, com uma maturidade. No começo, as coisas eram muito suaves. Elas não se manifestavam com muita freqüência e eu não tinha consciência total do tamanho da mediunidade. Eu sabia que eu tinha uma mediunidade, mas não sabia o tamanho nem quando ela ia se manifestar de fato.

“Quantos anos você tinha quando começaram essas manifestações?”

Adriana – Tinha uns 18 anos, mais ou menos. Aí, eu estudei, estudei à noite, trabalhei, fiz tudo o que eu precisava fazer no período, ia ao centro como assistência³, tomava passe⁴ com os guias, mas não era nada muito sério, muito

³ Assistência: formada por médiuns que estão em desenvolvimento ou que não incorporam, que auxiliam os guias quando estes estão trabalhando através dos médiuns incorporados.

⁴ Passe: Consulta com a entidade, através da qual o consulente tem sua energia purificada pelo guia.

aprofundado, não tinha compromisso. Eu tinha um namorado que eu achava que ia ser o homem da minha vida, que ia casar com ele e tudo o mais, foi meu primeiro namorado, “primeiro tudo”, compramos um apartamento, mas ao longo do tempo o relacionamento murchou; acabou e daí eu fiquei muito chateada, porque eu comecei a namorar com o rapaz eu tinha 15 anos e aí quando terminou o namoro eu tinha 19 anos e, daí eu fiquei realmente muito mal, eu não tinha muita referencia de *[viver]* muita coisa sozinha. Tudo era com ele, aquela coisa né, aquele grude. Nesse período que eu fiquei mal, eu fiquei mais próxima do centro. Comecei a ir com mais frequência, a tomar passe com mais frequência e, também comecei a descobrir outras coisas: sair sozinha à noite, conhecer outras pessoas, ter outras amizades, outros namorados. Só que as coisas começaram a se comportar de forma diferente, pra mim. Embora eu não tivesse consciência naquela época, eu já estava começando a entrar numa evolução mediúnica.

Como eu estava muito mal, muito baixo astral, e meio sem vontade de fazer coisas sérias e estava meio “desembestada”, fazendo coisas que não era de costume, que não eram hábito, que não eram da minha personalidade, mas não sei se o fato de eu estar mal, fez com que eu fizesse isso, tipo, me envolver com pessoas que não eram tão legais, que não tinham pensamentos tão bons, que não tinham uma energia boa e ficava na noite, nas baladas até tarde, até altas horas, comecei a preocupar os meus pais. Eu sempre trabalhei, comecei a trabalhar com 12 anos, então nessa época eu também trabalhava fazendo projetos para marcenaria, mas comecei a ficar irresponsável, faltava no trabalho, não dava satisfação, era meio rebelde sem causa. Ai a minha mãe, até por entender essa história e por ter essa consciência voltada pro lado espiritual – que quando você não esta bem com a sua mente, seu corpo também não vai responder e ai desencadeia essas coisas não boas – então minha mãe sempre alertou, mas nunca puniu ou “podou”, nunca proibiu que eu saísse, nada disso, mas alertou: “Olha, você não está indo pra um caminho legal, vai procurar ajuda espiritual, você sabe que você é médium, então toda vez que você entrar num ambiente pesado, com pessoas ruins você vai captar isso, porque funciona como uma antena parabólica, então você vai sentir isso e ai você vai se comportar diferente da sua personalidade, do seu perfil”, que é o chamado... não é encosto, porque encosto é uma coisa mais forte, mas é

uma influência negativa né. Então minha mãe me alertava disso e eu percebia que estava mesmo uma coisa diferente, que eu fazia coisas mas depois eu me arrependia, e ficava me questionando: “Até que ponto vale a pena fazer isso?”, mas continuava fazendo, não mudava de postura. E assim foi, um ano saindo “adoidado”, fazendo um monte de coisas que não eram legais, não absurdas tipo usar drogas, essas coisas não, mas bebendo, não cumprindo minhas responsabilidades, que era na época terminar o colégio, o trabalho.

Aí, eu me lembro uma vez que foi muito forte isso, que me acordou de fato. Eu estava numa danceteria. Eu gostava muito de ir em danceteria GLS [*gays, lésbicas e simpatizantes*], até porque eu tinha amigos que eram gays e neste mundo existe muita promiscuidade, que é natural entre eles, então, não deixa de ser uma energia pesada dentro desse universo de promiscuidade, porque ninguém é de ninguém então, quer dizer, ninguém tem compromisso com nada, e todo mundo quer esgotar o vício até não sobrar mais nada. E ai, eu me lembro que uma vez nessa danceteria – em que a gente chegava uma hora da manha e voltava pra casa umas 8, 9 horas, minha mãe ficava super preocupada, e eu não tinha consciência né, eu achava que era lindo fazer isso que tava tudo bem. Quando a gente saia assim, tinha essa visão que ninguém era de ninguém, eu beijo um cara aqui, beijo outro cara ali, numa noite você fica com 5, 6 caras. Hoje eu não faria isso. Com a visão que eu tenho hoje, não acho isso legal, acho que é vulgar, é atrair uma coisa ruim, você fica muito disponível e você perde o referencial do que você quer e o que você gosta, você acaba não sabendo mais de fato do que você gosta. Ai nessa noite eu conheci um monte de gente, beija um, beija outro, bebe, dança. Na boate GLS é tudo muito liberado, é muito “aqui e agora”. Eu simplesmente tava no meio da danceteria, num *bad room*, era um corredor escuro, o corredor da “pegação” e me deu um apagão do nada e eu olhava as pessoas, mas eu não conseguia me mexer, fiquei paralisada. Por segundos, as pessoas falaram, mas pra mim aquilo durou muito tempo. Nesse momento eu senti o seguinte: sabe quando você olha pra aquilo e você sente pena daquilo, não que eu me sentisse melhor do que eles, mas sente pena de tanta carência, uma carência extrema ao ponto de levar fazer qualquer coisa a qualquer custo e, isso te gera bônus pra pagar lá na frente e ai eu fiquei assim paralisada e meu ouvido zunia, como se tivesse uma mosca dentro, uma

coisa muito estranha, daí eu desabei a chorar, assim do nada, compulsivamente. Eu sempre soube quem era a minha mãe de cabeça⁵, que é Oxum, daí eu lembro eu pensava assim “Minha mãe, eu cansei, eu não quero mais isso, não quero mais fazer isso, não sou eu e já tá bom a experiência, quero sair.” E foi imediato. Na mesma hora que falei isso, eu voltei ao normal e as pessoas com quem eu me relacionava nesse meio desapareceram. Sumiram, sem sentido mesmo. O telefone não era mais o mesmo, fulano mudou, sicrano foi pra outra cidade. Sumiram, desapareceram. E por mais que você procurasse não encontrava ninguém. E ai, e me vi de volta sozinha. Como no começo, quando eu terminei com o tal rapaz. E ai, eu comecei a mudar minha visão. Ai de fato eu comecei a me aproximar mesmo da religião.

“E nessa época que você andava com essas pessoas, você freqüentava o centro?”

Adriana – Eu tomava passe de vez em quando. Levava mais bronca *[do guia]* do que outra coisa. Mas também não estava nem ai, não tinha consciência do tamanho do erro. Porque eu acho que tudo é o despertar da consciência. Quando sua consciência desperta para determinadas coisas, sejam elas boas ou ruins, você consegue raciocinar o que de fato você quer e o que de fato não faz bem. E nesse momento que eu despertei, ai sim eu entrei de corpo e alma na religião. Ai eu comecei a cambonear⁶ a minha mãe, que já era médium e freqüentava o centro há muito tempo. Até então eu não manifestava as minhas entidades com clareza, mas elas estavam lá. E ai nessa fase de cambonear a minha mãe eu comecei a me sentir muito bem, muito amparada, muito completa comigo mesma, mesmo com toda aquela carência que eu sentia de companhia, de amigos, de namorado, porque eu fiquei um tempo sem ninguém, mas eu me sentia muito completa fazendo aquilo, ajudando aquelas pessoas, me sentia muito bem, chegar lá, cantar, gostava muito de cantar. Me lembro que eu cantava todos os pontos⁷ e eu gostava daquilo que eu

⁵ Mãe ou Pai de cabeça: Orixá que é o principal protetor de uma pessoa

⁶ Cambonear: Cambono é o médium que faz parte da assistência ao guia

⁷ Pontos cantados: Cântico sagrado, prece que evoca as entidades e as homenageia.

tava fazendo. E ai a primeira entidade que se manifestou de fato foi a minha criança, que é o Joãozinho. E ai o Joãozinho disse assim na época “Eu vim ficar de vez”. Eu tava no centro, foi numa gira de sexta feira onde acontece o desenvolvimento. Ai ele disse assim “Eu vim ficar de vez. Eu vim ajudar a minha tia [Adriana]” E ai foi. Comecei a ficar cada vez mais forte dentro da religião, as minhas entidades começaram a se manifestar cada vez mais. Eu entendi que o João foi o precursor de todo o resto. Acabei conhecendo o meu marido dentro da religião. Ele era um freqüentador da casa, da assistência, e amigo dos meus pais e do rapaz com quem eu trabalhava, da marcenaria. E ai, ele começou a freqüentar o centro e conheceu o meu antigo patrão e convidou meu patrão pra fazer um trabalho na empresa dele de marcenaria, o qual eu fiz todo o desenho deste trabalho. Ai eu precisava vistoriar a obra e comecei a ir na empresa dele e também paralelamente no centro a gente se encontrava porque eu fazia pizzinhas na lanchonete pra vender antes de começarem os trabalhos e depois começavam os trabalhos e eu entrava dentro do terreiro pra ajudar a minha mãe. Daí a gente começou a ficar amigos, e eu ainda tava sozinha sem ninguém, diminui muito o ritmo de sair, comecei a sair muito com a família, comecei a ficar muito família. Nesse período em que a gente se conheceu e que ele freqüentava o centro, apareceu uma oportunidade. O guia da minha mãe, que também é uma criança, uma menina que chama Ritinha, pediu uma saia de terreiro⁸ e eu era cambona na época. Ela pediu e falou: “Vem me ajudar, tia, a explicar pra ele, pro M.” e falou assim “Você ajuda ele então a comprar o tecido” porque era um tecido especial. Ai fui com ele numa loja de tecido por metro pra fazer as roupas e a gente ficou mais próximo, mais íntimo. Ele tava passando por um processo de separação e de fato eu acho que a religião nos uniu. De um lado, eu sozinha, carente de uma companhia e, ele por outro lado, desequilibrado porque tava saindo de um relacionamento com filhos, então, muito carente também. E a gente ficou amigo, e a gente começou a fazer as entregas aonde os guias da minha mãe solicitavam e eu tinha os meus guias, então a gente tava fazendo as entregas juntos, cada qual pra sua entidade e ai a gente resolveu morar junto. Ai eu me

⁸ Terreiro: local onde a gira ocorre.

afastei da religião, porque a gente teve que mudar pra Brasília. Ai eu fiquei em Brasília morando por 7 meses. Me senti muito bem, porque eu cresci muito, amadureci demais, a vida a dois fez muito bem pra mim. Houve um consentimento da parte dos guias de que eu me afastasse por um período, porque eu tinha medo né, eu pensava “Será que eu to fazendo a coisa certa?”, mas houve o consentimento deles. Isso foi 7 anos atrás. Mas mesmo morando em Brasília, crescendo como mulher e como pessoa, eu sentia muita falta do centro, então eu tinha dias muito “down” e tinha dias muito “high”. Então eu fui procurar uma mesa branca, centro de mesa branca⁹, que tinha lá na cidade de Brasília, mas eu fui um dia só, não me adaptei. É como se... depois eu entendi o seguinte: cada médium, eu acho, pelo menos comigo é assim, segue uma tribo, por exemplo: tem a tribo dos “emos”, a tribo dos rappers. A tribo dos meus Orixás era realmente a Umbanda. A coisa da mesa branca, a passividade, aquela falta do contato direto, não era o que a minha linhagem de Orixás melhor se adequava. E ai fui uma vez e, embora a gente tivesse ido pra Brasília porque ele precisava trabalhar lá, tudo conspirou pra que a gente retornasse, depois que eu comecei a sentir essa falta, mas de forma assim, suave também.

“A sua mediunidade se manifestava enquanto você estava em Brasília?”

Adriana – Eu não recebia guias, só tinha essas sensações muito claras, mas não a ponto de incorporar, nada disso. Até porque eu acho que os seus guias não deixam de ser metade do que você é. Se eles te escolhem como veículo deles, para que eles manifestem e façam o trabalho deles, tem que ter uma sintonia, e essa sintonia, acredito eu, vai desde a incorporação de fato até a maneira como eles são. Embora eu sempre tenha sido muito aberta, eu sempre fui muito equilibrada, sempre soube o que eu queria e o meu limite “Até aqui eu agüento, depois disso eu vou recuar porque eu não agüento mais”. Então eu que era a minha própria psicóloga. Acho que os guias compartilhavam dessa maneira de ser, tanto é que desde quando eu comecei a me desenvolver, meus guias nunca foram aqueles de “chacoalhões”,

⁹ Centro de mesa branca: centro espírita embasado na doutrina de Allan Kardec.

de criar muito alarde, eram assim muito diretos “Eu sei quem você é”, mais ou menos assim pra mim “Eu sei qual é a manifestação desse momento”, porque cada linha tem sua característica, mas eu entendia qual era, eu entendia a hora que eles iam entrar e a hora que eles iam sair. Eu perdia a consciência por segundos, mas ao mesmo tempo eu não perdia o domínio do meu corpo. Eu tinha o controle do meu corpo. Eu sempre achei muito feio ficar se remexendo, dando grandes alardes, eu nunca gostei disso, e conseqüentemente a minha evolução mediúnica foi toda muito regrada. Sem muitos alardes, grandes chacoalhos, grandes descontroles.

“Ainda é assim? Quando você incorpora ainda tem consciência corporal?”

Adriana – Hoje não mais. Até porque houve uma evolução, pelo tempo que eles dominam o meu corpo então hoje não mais. Hoje eu sou uma médium inconsciente, totalmente inconsciente. Mas o comportamento dos guias não mudou, eles continuam sendo iguais ao que eles eram lá no começo. Eles continuam sendo muito equilibrados, não tem todo esse chacoalho, não tem aquela coisa do troca-troca. Porque na religião a gente vê diferentes formas de manifestação, até com diferentes personalidades: tem guias mais espalhafatosos digamos e tem outros que são mais conservadores. Eu acredito que os meus são mais conservadores, são mais sérios, mais brandos até. Voltando ao assunto de Brasília. Tudo conspirou pra que a gente retornasse e assim foi feito. A gente retornou pra São Paulo, eu retomei o centro, continuei freqüentando as giras.

“Você freqüentava o centro por sua vontade?”

Adriana – Sim, nada forçado. Eu não entrei no centro forçada. Não entrei porque se eu não quisesse, eu ia passar mal, ou porque ia acontecer algo ruim, não, eu fui muito decidida, fui por mim mesma. Uma vez que eu entrei foi porque eu quis. E assim, e acho que isso tem a ver mesmo com essa história que eu falei do equilíbrio. Se você sabe que foi acordado aquilo não tem porque você no meio do caminho surtar e falar “Ai meu Deus, como a vida é cruel, ai como é puxado, eu não quero mais”. Eu sabia. Tem um ponto [*cantado*] que diz assim “Quem não pode com a mandinga não carrega o patuá”. E é bem isso mesmo, porque é puxado. É um sacrifício, principalmente pra mim que sou nova e pra outras pessoas e até pros idosos também deve ser. Mas é isso. Se você decide, tem as compensações, sabe,

por outro lado. Mas aí, voltando, eu retomei o centro e tudo mais. Só que no ínterim eu engravidei. E eu me tornei cavalo de trabalho¹⁰.

“Como foi essa passagem?”

Adriana – Tem uma hierarquia onde o guia chefe num determinado momento da sua evolução [*da mediunidade*], você pode ser apresentado pelo guia que te gira, que é o guia que você se consulta, para o guia chefe para participar da chamada escolinha. A escolinha é realmente uma escola, mas espiritual, onde o guia chefe vai avaliar a linhagem do teu santo, seus pais de coroa [*o mesmo que pais de cabeça*], ou seja, ele vai analisar com que fundamento você diz que é tal guia, é mais ou menos isso. E aí comigo aconteceu diferente. Todo mundo era apresentado a esse guia chefe. Comigo não. Quando eu retornei, o guia chefe veio até mim. Eu até pensei que ele ia me dar alguma bronca, pensei “Eu devo ter feito alguma coisa errada”. Mas não. Ele disse assim “Você já está preparada e está na hora de você entrar na escolinha”. E a escolinha é o trampolim pra que você vire um cavalo de trabalho. Difícil você passar pela escolinha e não virar um cavalo de trabalho. Daí eu fui pra escolinha e fiquei pouco tempo, acho que nem 5 meses talvez. E aí o guia chefe disse assim “seus guias já estão preparados pra atender as outras pessoas” e assim foi feito. E aí eu virei o cavalo de trabalho que é o guia que atende. Depois que eu virei cavalo de trabalho eu meio que me desliguei da minha mãe, quer dizer, dos guias da minha mãe, que era pra mim aquela referência meio paternalista né. E aí eu senti falta, porque uma coisa é você ter resposta de todas as suas dúvidas com o teu guia, aquele guia que você confia e que você consulta. A outra coisa é você simplesmente emprestar a sua matéria, sumir a sua consciência de um determinado horário e retornar só depois de outro horário e você ainda obter suas dúvidas e não ter uma pessoa pra esclarecer. E aí eu fiquei um pouquinho órfã. Fiquei pensando “Poxa, que chato essa coisa de cavalo de trabalho”.

“Você se comunica com seu guia?”

¹⁰ Cavalo de trabalho: médium de incorporação.

Adriana – Agora sim. No começo também, mas eu não tinha tanta clareza.

“Em que momento veio essa clareza?”

Adriana – Isso não é uma coisa que a gente liga e desliga. É uma coisa assim, por exemplo: se você tem uma dúvida você vai lançar essa dúvida na sua cabeça e os orixás se comunicam por pensamento, então, uma hora ou outra, aquilo vem, aquela resposta vem. Por exemplo, você tá lavando uma louça na cozinha, sozinha, desligada, pensando em outras coisas, de repente “Ah a resposta pras minhas dúvidas”. Você escuta a voz dele. Só que aí você consegue diferenciar, você consegue perceber quem tá falando contigo, porque você conhece ele. Mas só que isso acontecia comigo, só que era tudo muito novo, tinha acabado de virar cavalo de trabalho, e ao mesmo tempo eu sentia falta das conversas que a gente tinha lá com os guias, porque não dava mais tempo, então eu tinha essas dúvidas, também tinha as respostas, mas eu não tinha consciência que eram os meus guias. E aí com o tempo, isso vai ficando mais claro pra você. Tudo é um exercício mesmo, de aprendizado e de repetições. Quando isso ficou mais claro pra mim, das minhas dúvidas e aquelas respostas que vinham, eu comecei a entender. E aí são as tais intuições, que as pessoas acham “Bom, a intuição é uma idéia que eu tive”. Eu não entendo assim, eu entendo que a intuição é o seu perispírito¹¹, o seu mentor que é aquele que cuida da tua cabeça, tua cabeça no sentido de estar e ser, ele vira pra você em determinados pontos e “Olha, aquilo que você me perguntou, aquela sua dúvida, é isso, isso e isso” ou então “Não vai por essa rua que você pode ser assaltada”.

“Você escuta a voz?”

Adriana – Sim, você tem a noção disso “Ó, não vá por esse caminho que você pode ser assaltada”. Mas você tem o livre arbítrio, se você quiser ir, tudo bem, mas se acontecer alguma coisa, a responsabilidade é sua, o papel deles eles cumpriram,

¹¹ Perispírito: Invólucro do corpo material menos denso do que este. “Serve de laço intermediário entre o espírito e a matéria.” (KARDEC, s/d, *apud* GREGÓRIO, s/d).

eles te avisaram. E essas intuições que são esses tais avisos, que eu chamo, eles começaram a ficar mais freqüente, mais claros.

“Depois de quanto tempo que você tinha começado a ser cavalo de trabalho?”

Adriana – Depois de uns 5 ou 7 meses. E assim, depois desse tempo começaram essas coisas a acontecerem com mais freqüência. Até o ponto de você olhar pra uma pessoa e aparentemente a pessoa ser super boa, ela parece ser boa, mas aquilo que emana dela mesmo não é bom, ao ponto de você olhar pra pessoa e sentir isso. Só que, eu acho, da minha parte, que é um pouco arrogância de um médium chegar numa pessoa e dizer isso, se ela não te perguntou. Porque você acha que você tá brincando de Deus né. Então você olha uma pessoa e julga, essa daí é boa, essa daí não é? E não é assim que funciona. Óbvio, você tem os seus avisos, mas não é tudo que você pode abrir da vida das pessoas. Até por uma questão de discernimento. Tem gente que vai olhar pra você e falar “Ah, tá bom, não te perguntei.”, dá uma resposta torta e você vai ter que conviver com isso. Então isso, da evolução, também acontece com você. E quando eu digo das compensações, é o que, é o equilíbrio. O equilíbrio para você, com você. Mesmo numa situação muito atrapalhada, muito perturbada você consegue se centrar, você consegue... não que você vai virar um ser humano perfeito. Vai ter dias ruins, vão ter dias que você vai chorar, mas você entende o porquê. Se você pegar um dia ruim, que você precisa chorar, você vai chorar, mas não ao ponto de se entregar. Porque você entende que aquilo é uma descarga, você precisa chorar então você chora o tanto que você tem, depois você enxuga a lagrima e diz “vou tentar um plano b”. Esse equilíbrio que eles passam pra você é uma compensação, do meu ponto de vista.

“Aos poucos esse equilíbrio vai se tornando uma coisa sua, ou vem sempre deles?”

Adriana - É uma fusão, eu acho. É um misto da sua maturidade como ser humano com a confiança que eles te passam. Então é uma troca né. E ela tem que ser justa. Você ta abrindo mão de muita coisa em função dessa missão que é a de trabalhar usando o seu corpo de veículo. Mas por outro lado eles também devolvem pra você isso em forma de alegria interior, equilíbrio, constância. Constância no

pensar sabe? Eu acredito que para uma orixá de luz usar um veículo, que somos nos os médiuns, pra tratar de uma outra pessoa, o mínimo é que esse médium, ele esteja bem, dentro da realidade que ele vive, mas eu acho que seria muito estranho um Orixá de luz usar um veículo desequilibrado, doente, perturbado pra ajudar uma outra pessoa. Porque ai você pensa assim “Poxa, se ele que é o médium daquele guia não está bem, que confiança que eu vou ter de contar com aquele guia, e ele me deixar bem? Se ele [o guia] não consegue deixar bem nem o veículo que ele usa, que ele necessita?”. Eu acredito muito nisso. Por isso que essa troca ficou mais forte comigo e com os meus guias. Porque os dias que eu não estou bem, que estou chateada ou tive algum problema no trabalho ou estou muito cansada, parece que quando eu chego lá no centro passa, aquilo passa, porque eu criei um mecanismo na minha mente que eu consigo desligar. Se eu estou lá dentro, eu sou só de lá. Eu deixo o meu filho de 3 anos em casa. Me preocupo às vezes sim “Será que ele está bem, será que ele comeu, será que ele dormiu”, mas quando eu estou lá dentro, eu não sei te explicar, mas a minha cabeça já tem esse botão que aciona e, ai, o resto, o externo, eu não consigo me lembrar mais, por aquele momento. E o bem estar que a gente sente é muito grande, ao ponto de você chegar super cansada, de uma dia super agitado de trabalho e tudo o mais, e você incorporar o guia cansada mesmo, mas depois que você retorna, que o guia vai embora, sobe, e você retorna pro seu corpo, você tá tão bem, está tão em paz com você mesma, então eu acho que essas pequenas sensações compensam o sacrifício no todo, que é grande, é bem grande. Eu só fico chateada às vezes quando eu escuto algumas pessoas que freqüentam e estão dentro da religião que isto é um fardo, é um peso. Eu entendo que é sacrificante, mas o que a pessoa já não ganhou com isso? O quanto você já não recebeu de bom, de benefício sabe? Não vamos ser ingratos né? É um peso, é sacrificante? É. Mas e as coisas boas, sabe, da troca? Eu fico pensando quando eu escuto essas coisas das outras pessoas, dos outros médiuns e fico assim “Poxa, que cara ingrato”, porque o que pra mim acontece, pras outras pessoas também acontece. E a gente tem relatos de pessoas que chegam [no centro] muito mal, que chegam doentes e que melhoram e, que a vida muda sabe? Pessoas [médiuns] que não têm esperança e de repente uma se abre e ai elas rejuvenescem. Tem o exemplo de uma senhora, a Dona A. que entrou lá novinha, novinha, ela devia ter uns 13 anos. Lá no passado, que era mais rígido. Se hoje é um regime militar,

antigamente era bem mais, a ponto de você não poder nem pintar a unha, porque, dizem os antigos, e eles têm razão, você tem o branco da unha né, e quando o espírito esta conectado a você, pelo branco da unha você consegue saber se houver algum problema de desencarne [*morte*] você consegue ver. Por isso que eles dizem pra quando você for pro terreiro não pintar a unha de vermelho, porque o vermelho vai mascarar o branco, que vai dar a percepção pra outras pessoas do tão bem ou tão mal que você possa estar na incorporação. E ai voltando pro caso dessa senhora que chegou lá com 13 anos. Segundo o que ela conta, e é bem verdade, ela chegou muito doente, desenganada, pesando 39 quilos. Ela foi se tratando e se tratando como assistência [*dos médiuns*] e foi melhorando e melhorando, mas depois ela teve que tirar um pedaço do intestino, e depois ela tirou um pedaço do fígado grande, de um trabalho¹² que foi feito pra ela, pra ela ficar mal. E através dessa troca e desse desprendimento que ela teve, abrindo mão da mocidade ela, tanto é que ela não é casada, acho que foi uma coisa decidida né, ela decidiu e assim ela topou. Ela era médium, mas ela não tinha condições físicas de incorporação, mas depois que ela se tratou, tirou os pedaços dos órgãos e ficou bem, ela começou a incorporar. E ela incorpora até hoje. E ela conta, até num evento de Umbanda que teve, ela deu um depoimento dizendo assim “Gente eu entrei achando que eu ia morrer, hoje eu devo minha vida a isso aqui”. É sacrificante? É muito, mas mais uma vez você vê que tem essas compensações legais e bonitas. Eu não sei, mas eu sou muito boba, eu vejo muito esse lado romântico da coisa. Eu acho essa coisa muito bonita, essa gratidão que essas pessoas têm. E “n” pessoas que a gente escuta vários depoimentos. Tem uma moça lá no centro que é cadeirante, que entrou lá e ela não tinha movimento praticamente quase nenhum no corpo. E ao longo do tempo, depois que ela começou a se tratar, e a mãe dela é cavalo de trabalho lá dentro, a menina já pode falar, a menina já mexe o pescoço, já mexe o braço. É obvio que ninguém é inocente. Se ela veio nessa condição de cadeirante, algum débito ela tem. Mas ao mesmo tempo, é como eu te disse né, a gente não pode brincar de Deus, e não sentir pena de uma pessoa dessa. É duro não ter os movimentos. E a menina também conta essas coisas, e a

¹² Trabalho: despacho, magia negra.

gente fica lá dentro, e escuta essas coisas. Eu acho bárbaro, eu acho muito bonito. E nessas coisas que eu me espelho sabe. Toda vez que me dá um baixo astral que eu falo “Poxa, estou cansada, não vou hoje” eu me lembro dessas coisas e aí me dá força, motivação. E não sou eu né, é o meu guia que está lá trabalhando. É legal você encontrar uma pessoa e a pessoa dizer assim... Tinha uma moça e com essa moça eu fiquei bem emocionada. Ela falou assim que a filha, o bebê que ela teve estava desenganado, ia morrer mesmo, ela teve o bebê, o bebê ficou 2 meses na UTI e ia morrer. Todos os médicos diziam “que doença esquisita e rara”. E aí a fé dessa mulher era tão imensa, que ela foi no centro se consultar e o guia mandava ela rezar uma determinada oração todos os dias, no mesmo horário, de joelhos, do lado do bercinho do bebê. E assim ela fez e, quando todo mundo achava que a menina ia morrer, ela deu sinal de vida! *[Nesse momento, Adriana se emociona]*. E voltou assim, do nada e hoje é um bebê super saudável, tem um ano, vai lá no centro, brinca. E a mulher chega em mim, que não tem nada a ver porque não sou eu *[Adriana é somente o veículo da cura, mas quem realiza a cura de fato é o guia]* e fala assim “Olha, muito obrigada, viu”, isso eu acho bacana. Nem era pra eu chorar! *[rindo]*. Tem muitas histórias assim, de pessoas que conseguem realmente o merecimento. Mas aí é que tá né eu acho que isso é a fé. É esse lado de não achar que porque hoje deu errado, sempre vai dar. Porque eles *[os guias]* não são milagrosos, eles não são mágicos. Ele vão equilibrar a sua mente pra te confortar até que você tenha forçar pra tomar determinadas atitudes ou mudar e, saber passar, superar sabe. Essa história da ingratidão que eu te disse que eu acho chato, é isso, as pessoas acharem que na primeira porta fechada, acabou tudo. E tipo “A culpa é dos guias, eles me disseram que podia dar certo e agora não ta dando mais”. E poxa, a pessoa tentou o que né? Fez o que? E delega tudo de mal pra uma outra situação. Porque se fosse tão ruim, se fosse tão péssimo não teria esses relatos bonitos que eu contei. Que são pouquíssimos de vários. Não vai longe. O meu pai chegou no centro mal, tava saindo de um casamento, super baixo astral, o cara melhorou muito como ser humano, descobriu o amor da vida dele lá dentro, que é a minha mãe, está super bem, é uma outra pessoa, e é super grato a isso. Resumindo, isso é o que faz a gente sempre ir de novo, sempre se sacrificar *[Nesse momento Adriana se emociona novamente]*, não olhar pra trás, e nos dias de cansaço você releva.

“Você considera que a sua religiosidade e o fato de você ser médium influencia em outros aspectos da sua vida?”

Adriana – Sim, eu tenho mais consciência das coisas que eu faço, das minhas ações sobre o próximo. Eu acho que a gente fica mais humano. Até pela própria doutrina, os ensinamentos, a gente fica mais humano, quer queira quer não. E os seus guias ensinam pra você todos os dias que tem que dividir, tem que ajudar o próximo. Então você pensa duas vezes antes de “ferrar” alguém, se é que você vai ter coragem de “ferrar” alguém, porque tem a roda do destino né. Eu posso te fazer algum mal aqui hoje e você não vai me retribuir, mas lá na frente eu posso encontrar alguém que retribua e é uma seqüência né, uma bola de neve. Então a religião fez eu dar o meu melhor. Ela me deu tudo né. Eu encontrei o meu marido lá dentro, que me deu um filho, que me dá uma vida bacana, super estável, me dá tudo o que eu quero, o que eu preciso. Não tem do que reclamar. Quando tem um momento ruim, passa, rapidinho. Por causa desse outro lado. Por causa desse equilíbrio. Eu acredito nesse equilíbrio. Mas isso, as outras pessoas que a gente encontra lá dentro [*do centro espírita*] também contam que tem essa coisa assim do retorno financeiro. Mas o financeiro é consequência do seu equilíbrio e da sua disposição para batalhar pelo que você quer. Não é que você sendo um médium, sendo uma pessoa melhor você vai se tornar rico. Não. Muito pelo contrário, a religião prega o contrário né, a humildade, então não dá pra você esperar isso. E nem esperar grandes acontecimentos. Tem pessoa que chega lá dentro e fala assim “Olha, o meu problema é ter um marido. Eu quero ter um marido. Esse é o meu propósito.” O marido vai acontecer. Você vai ter consciência para enxergar um bom homem se você estiver equilibrada. Aí é consequência. O benefício, é tudo consequência do equilíbrio do ser e estar, tudo acontece depois disso. Agora, sem ele é complicado até pra durar as coisas, até o dinheiro. É complicado você administrar o dinheiro sem ter consciência e equilíbrio do que ele é capaz, tanto de tirar como de dar. Então eu acho legal você chegar ao centro em busca de um conforto, de uma palavra de conforto, uma palavra amiga, em busca de um... não digo nem um destino pra minha vida porque é muito vago, a vida pode seguir vários caminhos, só basta você escolher. Mas você deve olhar pra você mesmo e dar valor para o que

você tem. Em cima disso, ai sim saber o que a sua força interior é capaz de fazer de melhor pra você mesmo.

“E quando outras pessoas ficam sabendo que você é médium, você sente que isso influencia alguma coisa nas suas relações?”

Adriana – Eu acho que sim. Eu acho que algumas pessoas confundem, achando que você é o homem-aranha: quando você quer você vira ele, quando você não quer você não vira mais. Eu não consigo olhar pra você e falar “Olha você vai casar e ter tantos filhos”, eu não vejo isso. Agora, uma vez que os guias se manifestem, eles que dizem, não eu. Então as pessoas confundem muito isso entende, “Ah, porque você é médium você tem que me dar uma cura ou vai me dar uma dica”. Não é uma coisa que você tira do nada. Acontece que se eu tiver que te dar uma mensagem, eu vou dar pra você, mas acontece naturalmente, não é quando eu quero ou quando você quer. Tem muito disso. E assim, você se prepara muito né, você se cuida muito você tem que se cuidar, você é obrigado. Porque quer queira, quer não, você tá num ambiente que manipula muita energia, de diferentes pessoas, e o fato de você se cuidar, não é que te faz uma pessoa melhor, mas o seu estado de espírito se eleva. É natural isso, é consequência. Você tá sempre tomando banho [*de ervas*], você tá sempre acendendo velas, você tá sempre fazendo as suas oferendas, então você tá sempre cuidando do seu bem estar e da sua aura. Então é natural que ela fique limpa e é natural que muitas pessoas percebam isso. Por isso que algumas pessoas, que entram nos lugares emanam uma energia boa, isso é a aura dela emanado uma coisa boa por algum motivo, ou ela se cuida muito, tipo um médium, ou realmente ela é uma pessoa elevada, e ai só um plano espiritual superior vai explicar isso. E outras não né. Outras pessoas entram e você fala “Nossa, essa pessoa é cansativa, passa e deixa uma canseira no ar”, também é o que ela procura né. É o que ela carrega com ela, e aí é opção. O desequilíbrio também é uma opção, você opta por estar desequilibrado, porque em algum momento você tem consciência que aquilo lá não tá legal. E a pessoa tem a escolha né, ou sai ou não. Como eu comecei contando pra ti, eu também já tive desequilibrada, mas aí eu não agüentei ficar desequilibrada, e eu pedi pra sair. E foi atendido o meu pedido, eu acho que outras pessoas também vão ser atendidas. É uma escolha.

“No dia que você vai no centro, você tem alguma preparação antes? Como funciona o antes, durante e depois?”

Adriana – Tem uma preparação. Vamos supor hoje, que eu vou pro centro, coitado do meu marido, não tem nem tempo, mas digamos que a gente tivesse tempo, hoje eu não poderia ter relações sexuais com ele, porque senão eu perco muito ectoplasma¹³, então eu não posso. No dia *[que vai ao centro]* eu tenho que tomar um banho, seja ele de ervas ou de outro item, mas eu preciso tomar um banho energético pra preparar meu perispírito, para que os guias entrem. E você tem que acender determinadas velas semanalmente, que eles chamam de alimento da alma e do espírito, que é a luz né.

“Você que escolhe as velas?”

Adriana – Não, você tem uma intuição, que vela interessa para aquele momento. Às vezes a vela da semana passada não é a vela dessa semana. E assim vai indo. É muito dinâmico o plano espiritual, tá sempre mudando. Até os banhos também, não se repetem sabe, não são iguais. Sempre tem alguma coisa que muda, algum item que muda. E é natural isso, e na hora que você vai fazer o banho pensa “não vou por isso, vou por tal coisa”. É sentido mesmo.

“E na hora da incorporação, como você sente que vai acontecer?”

Adriana – Comigo em particular, o que acontece é que eu faço uma prece minha, particular, uma maneira de conversar com Deus, eu chamo, e aí eu sinto que, por exemplo a minha visão, eu não consigo mais enxergar com foco, fica tudo muito desfocado e automaticamente vai me dando um sono, parece que eu vou dormir e aí quando o meu olho apaga, daí eu não consigo mais dizer.

“E nesse período da incorporação você tem algum tipo de consciência?”

¹³ Ectoplasma: substância bioenergética produzida pelo corpo humano, utilizada pelas entidades nas atividades que ocorrem no centro espírita.

Adriana – Não, eu não lembro de nada. Se você passou, o que você disse, eu não sei. Eu só sei quando eu volto. Quando acaba, eu me sinto... depende né. Quando a gira é muito pesada, com muitos desejos fortes, por exemplo, esse período aí do Haiti, que houve o terremoto, o mundo tá mais denso, teve o Haiti, teve o Chile e teve outros terremotos, então as coisas estão mais densas. Como o espírito está se ligando com o todo e não com um só, a gente sente que aquela reunião espiritual, onde você pede para outras pessoas, você sente a carga daquilo. Se tá mais pesado, se tá mais leve, mais sossegado ou mais agitado, você sente, isso é natural também. E aí, quando o ambiente tá mais pesado, às vezes você realmente fica muito cansada, mas até sair do centro. Quando eu entro no meu carro pra ir pra casa, eu estou bem, isso passa. E eu não fico me ligando muito a isso, sabe. Eu não sei, eu sou muito avoadada, eu sei que eu estou cansada, mas eu não fico dando atenção. Às vezes você volta com muita vontade de fazer xixi, o que não deixa de ser uma descarga do seu corpo. O guia levou um tanto, mas você enquanto ser humano, você dividiu inconscientemente aquele tamanho de carga com o seu guia, e aí a maneira dele te limpar é eliminar, e aí te dá uma vontade de fazer xixi imensa. Aí você faz xixi e tá bom! São coisas estranhas assim, engraçadas.

“Você disse que no começo, antes de ser médium de incorporação, você captava algumas coisas do ambiente que se traduziam em sensações. Você ainda experencia isso?”

Adriana – Ah sim, tem ambientes que te deixa mais triste, mais pra baixo e aí você percebe, ou tem coisas também que te deixam arrepiadas ou coisas que fazem meu ouvido zunir como se tivesse a mosca lá, que parece que tem uma mosca dentro, tem pessoas que você encosta e dá um arrepio, tipo um arrepio meio macabro e, aí você sabe que aquela pessoa não tá legal, por algum motivo, o que ela não tá te passando coisas boas. Daí eu procuro me afastar sabe, eu não fico muito perto, porque senão você acaba sendo “contaminado” sabe. Porque como você faz limpeza constante, porque você é obrigado, ela é sua obrigação, você não deixa de ser um “sangue bom” pra quem tá com a energia ruim, então quem tá com a energia ruim vai sentir que a sua energia tá boa e, aí é automático, ela vai querer ficar “sugando” você. Você sai cansada, passa até mal às vezes, dá vontade de vomitar. Dá enjôo, dependendo da intensidade. Por exemplo, eu estou fazendo

acupuntura, ontem foi a minha primeira sessão e eu pedi pro cara não por a agulha na minha cabeça, porque eu tive essa intuição na hora. Então, eu não sei se ele “furasse” a minha cabeça, o que poderia acontecer. Falei pra ele “Olha, na cabeça não”. O cara achou meio estranho né, porque acho que faz parte do tratamento, mas aí ele perguntou o porquê e eu falei que é porque eu tenho fobia e aí tudo bem, ele não colocou. Mas na verdade, ali eu tive uma intuição, uma vozinha mais ou menos assim: “Na cabeça não. Você pode cuidar do corpo, mas da cabeça cuida a gente”. Então tem essas coisas sabe. Tatuagem, por exemplo, eu gosto de tatuagem, mas eu não posso tampar os meus chacras¹⁴, porque é a mesma coisa que você botar uma pedra num vulcão, então aquilo vai inchando, inchando, querendo sair e você tá lá, tapando né. Chega uma hora que vai entrar em desequilíbrio, desarmonia. Então eu não posso tampar os meus chacras. Posso fazer tatuagem onde eu quiser, menos nos chacras, jamais eu posso fazer isso. Por exemplo, não é qualquer cabeleireira que eu posso ir. Tem pessoa que põe a mão na minha cabeça e eu me sinto mal, então eu não posso. Teve uma cabeleireira que eu fui uma vez que quando ela começou me deu uma dor de cabeça terrível, mas eu fiquei com vergonha de pedir pra ela parar. Mas tive que agüentar a consequência, uma dor de cabeça absurda. E eu sabia o porquê. Outra coisa: massagem. Tem gente que faz massagem na têmpora, mas eu me sinto mal, então eu peço pra não fazer, porque me dá um mal-estar muito grande. É como se a sua cabeça fosse o seu templo, sabe, e não é qualquer um que pode pôr a mão. E assim eu vou levando.

¹⁴ Chacras: canais de energia localizados próximos à superfície corporal, por onde circula a energia vital.

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa está sendo realizada pela aluna Fernanda Lopes Sangirardi sob a orientação e coordenação de Maria Elisabeth Montagna, docente do departamento de Métodos e Técnicas do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O principal objetivo deste estudo de caso é compreender as repercussões da religiosidade de uma médium de Umbanda em sua vida cotidiana. Sua importância reside principalmente no fato de a religiosidade ser tão vivenciada pela população brasileira, sendo um fenômeno presente, influente e importante na vida de tantos sujeitos.

Os dados serão coletados através de observações e entrevistas semi-estruturadas com a colaboradora, que serão gravadas em fita de áudio e terão duração ainda não estabelecida. A colaboradora participará da pesquisa voluntariamente, sendo que poderá desistir de participar em qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de represália. Em qualquer momento da presente pesquisa a colaboradora poderá solicitar livremente maiores esclarecimentos sobre a metodologia sem que haja qualquer recusa da pesquisadora. No caso de publicação da pesquisa, o nome da colaboradora será mantido no mais absoluto sigilo, bem como quaisquer informações que possam identificá-la.

Potencialmente, a participação da colaboradora nesta pesquisa não acarretará danos físicos ou psíquicos, mas caso sinta a necessidade de esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa e qualquer de suas etapas, sinta-se confortável em me contatar através do e-mail fe_sangi@hotmail.com.

Consentimento Livre e Esclarecido

Li as informações acima sobre a pesquisa *Vivência da religiosidade: compreensão da experiência de uma médium de umbanda*, que está sendo realizada por Fernanda Lopes Sangirardi e orientada por Maria Elisabeth Montagna

e, me considero esclarecido(a) sobre seu conteúdo e objetivos. Desta forma, declaro que aceito participar da mesma por meio da entrevista realizada pela pesquisadora.

São Paulo, ____ de _____ de 2009

Assinatura do participante